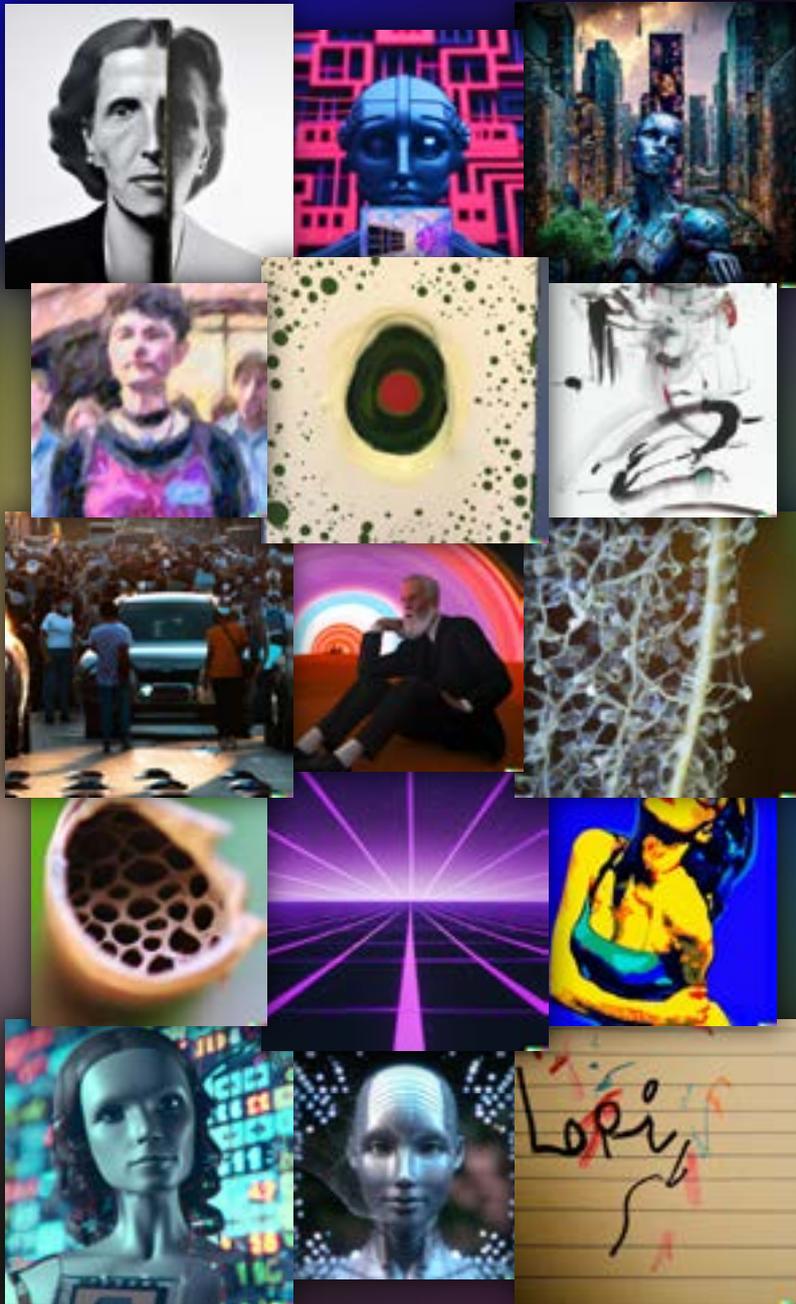


lapauz

m̂ Ää á Å~Åš c=Cc ë
^ ë ç Ää ~Çç ë=Çç =f m_



#24



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



PUBLICAÇÃO DOS ASSOCIADOS DO IPB

ISSN 2675-4444

Número 24 – dezembro 2022.

Publicação do Instituto de
Psicanálise da Bahia

Av. Anita Garibaldi, 1211. Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus/>

EDITOR

Pablo Sauce

CONSULTOR

Rogério de Andrade Barros

CONSELHO EDITORIAL

Bernardino Horne

Carla Fernandes

Jordan Gurgel

Luiz Felipe Monteiro

Ethel Poll

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Camila Abreu

Luiza Sarno

Guacira Cavalcante

Jaine Porto Ferreira Novais

Wilker França

TRADUÇÃO

Camila Abreu

REVISÃO

Pablo Sauce

Camila Abreu

Guacira Cavalcante

Jaine Porto Ferreira Novais

Wilker França

CAPA E EDITORAÇÃO

Bruno Senna

IMAGENS

Marcelo Magnelli em trabalho com a Inteligência Artificial (AI)

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2021-2022

Rogério Barros (diretor geral)

Luiza Sarno (diretora de ensino)

Pablo Sauce (diretor de planejamento e finanças)

CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB

BIÊNIO 2021-2022

Lucy de Castro (Presidente)

Mário Nascimento (Secretário)

Bernardino Horne (Consultor)

Célia Salles

Paulo Gabrielli

Nora Gonçalves

DIRETORIA DA EBP-BAHIA

BIÊNIO 2021-2022

Marcela Antelo (diretora geral)

Luiz Felipe Monteiro (diretor de biblioteca)

Jordan Gurgel (diretor de cartéis e intercâmbios)

Pablo Sauce (diretor secretário tesoureiro)

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

EDITORIAL

6 “Um lapsus @temático”

PABLO SAUCE

ORIENTAÇÃO

8 Freud analista: seus casos à luz da Orientação Lacaniana

BERNARDINO HORNE

20 Os algoritmos e a clínica orientada pelo real

ROGÉRIO DE ANDRADE BARROS

TEXTOS

25 E se não tivesse o amor... e se não tivesse o (a)galma

GRAZIELA VASCONCELOS

28 Da escuta à leitura, a presença do (a) analista

CHRISTIANNE ALCÂNTARA

33 A localização da posição de gozo

SÍLVIA GUSMÃO

37 Será semPre a mesma cicatriz

DANIELA LIMA DE ALMEIDA

40 O amor espera, o gozo não!

GLAUCO DE CARVALHO MORAIS

43 Contemporaneidade e sintoma obsessivo

RUTH CAVALCANTI

**47 “Não ceder ao primeiro convite”: da tendência
homossexual em Schreber**

NELSON MATHEUS SILVA

54 A escolha pelo sujeito no diagnóstico de crianças e adolescentes

CAROLINA VIEIRA DE PAULA

59 Bem dizer o feminino: do que *ex-siste* no corpo

DELZA ELOY DE SANTANA GONÇALVES

**63 Devastação como uma das faces do tornar-se mulher:
o que tem o supereu feminino haver com isso?**

CINTYA DE ABREU VIEIRA

68 O gênero não-binário e o outro

GIOVANA REIS MESQUITA

INTERCÂMBIO

73 Racismo: Uma história brasileira

RENATA MENDONÇA

**78 A prática feita por muitos: a experiência em um
Hospital-dia de adolescentes em Aubervilliers / França**

CARLA ALMEIDA CAPANEMA

DISCIPLINA DO COMENTÁRIO

85 O que significa adotar um corpo pensando isso a partir do autismo.

GRAZIELA PIRES

RESENHAS

89 (Há)posta

WILKER FRANÇA

EDITORIAL

“UM LAPSUS @TEMÁTICO”

Pablo Sauce

Caros leitores, a seguir encontrará um campo múltiplo de leitura, orientado pelo fio dourado das diversas versões do objeto @, que em si mesmo não quer dizer nada; porém, quando posto em função de parceria adquire um valor próprio para cada falasser. Na sequência por advir, cada autor deposita seu grão de areia para participar nesta parceria de construção do tecido significativo que, via o entrelaçamento fio a fio, costura o corpo deste número 24 que ganhará vida através da leitura de cada um de vocês, não sem o próprio grão de areia, o objeto @ de cada um; filtro de leitura dos diversos escritos que atravessam os seguintes temas: na orientação política nos deparamos com a dimensão do real na clínica e sua relação com os algoritmos no discurso amo atual; na sequência dos textos, o @galma e a presença do @ na lista; a localização da posição de gozo; a cicatriz do tr@uma; o tempo do amor e @temporalidade do gozo; o sintoma obsessivo como paradigma contemporâneo; a homossexualidade e o paradigma Schreber; a dimensão ética do sujeito lacaniano versus a tendência à classificação diagnóstica; ex-sistência corporal, devastação e bem-dizer o feminino; sexuação, binarismo e gêneros. Na rubrica de Intercâmbios, por um lado, o tema do racismo nos provoca a intervir no social; e por outro, uma experiência de trabalho em equipe nos convida a refletir sobre a prática da psicanálise aplicada à terapêutica. Na rubrica da disciplina do comentário uma experiência no campo do autismo nos ensina sobre o estatuto adotivo do corpo que se tem. Para concluirmos com a resenha do livro “Aposta no passe”, uma verdadeira @posta na Escola de Lacan como lugar de transmissão da experiência analítica. Que este cardápio feito *à la carte* lhe depare uma Boa leitura!

ORIENTAÇÃO

FREUD ANALISTA: SEUS CASOS À LUZ DA ORIENTAÇÃO LACANIANA

Bernardino Horne

IPB. Bahia

Sou Bernardino Horne, membro, na Seção Bahia, da Escola Brasileira de Psicanálise e, portanto, da Associação Mundial de Psicanálise.

Sou também associado do Instituto de Psicanálise da Bahia. Os Institutos, especialmente o da Bahia, estão profundamente enraizados à Escola.

Fui designado para abrir o nosso ano de trabalho.

O faço dando um abraço a cada um dos colegas e um abraço especial, de boas-vindas, a cada um dos futuros colegas.

Freud fundou um campo clínico e epistêmico novo, inexistente: o Campo do Inconsciente ou Campo da Psicanálise ou, como o chamamos, o Campo Freudiano.

Dentro de este Campo, a partir da leitura que faz Lacan durante os anos de seu ensino, se estabelece a Orientação Lacaniana do Campo freudiano. Desde a morte de Lacan, Jaques-Alain Miller mantém um Curso que leva esse nome e incide nas direções dessa rede de estudos e textos que é o Campo Freudiano na sua perspectiva Lacaniana que, pensamos, é profundamente Freudiana.



Os que iniciam o Curso Regular começarão esta experiência ao trabalhar os casos clínicos paradigmáticos de Freud à luz do poder epistêmico da orientação de leitura que permite Lacan.

Esta orientação se caracteriza pela importância dada ao real, ao singular, ao mais íntimo de cada sujeito. É ali que apontamos, ao real último de cada um de nós, onde se encontra o *sinthoma*, ou seja, o nó inaugural do ser humano.

A estrutura de nosso Instituto, assim como a da Escola é, a rigor, formada como uma rede tecida de saber. Todo o campo freudiano em sua orientação lacaniana está constituído por uma abrangente e profunda rede de saber, algo vivo e vibrante em escritos, aulas, jornadas, congressos, encontros, revistas, a psicanálise pessoal e os controles; tudo em debate e trabalho constantes, incluindo hoje, em sua reflexão, os problemas cruciais e novos acontecendo no campo social e que se produzem em movimento de alta velocidade. A pressão do mundo exterior é tão forte que corremos o perigo de cair em um ambientalismo superficial ou em uma sociologia barata.

A psicanálise, à diferença com outras disciplinas, tende a se superficializar e desaparecer. Sem o nosso esforço continuado, desaparece, pois é inumana, porque vai contra ao que o ser humano procura, ou seja, a ignorância, o não saber, e inventa quantidades de formas de viver sem ter que enfrentar suas verdades. O desejo do analista, que sustenta o tratamento, é um desejo inumano, incomum, porque se dirige contra a repressão, contra a falsa ideia de que existe uma zona de conforto fora do saber e do verdadeiro.

Estaremos juntos dentro deste campo de estudo da psicanálise

Em 1904 – 218 anos atrás - Freud escreveu um texto com a intenção de distinguir as psicoterapias da psicanálise. Publicado em 1905 com o título de “As psicoterapias”.

Nele, Freud relata que Leonardo da Vinci, sentiu a necessidade de diferenciar, de separar o que é pintura do que é escultura.

Fazer teoria do que ele fazia.

A pintura, diz Leonardo, procede “*per via di porre*” o que, em italiano, quer dizer “pelo caminho de pôr, de colocar”.

Efetivamente, o pintor bota na branca tela o que tem na sua frente, bota, põe, enche a tela, com cores e com pastas de diversas texturas, tentando assim dar a ver a imagem, a ideia que está em seu espírito e que pretende transferir ao quadro.

Já a escultura, diz Leonardo, procede do modo contrário: não põe, não coloca, tira.

Procede, então, por outra via: "*Per via de levare*". O escultor vai tirando pedaços do bloco de pedra que tem diante de si, restos, camadas de pedra que ocultam "a escultura que sempre esteve ali contida". Esta frase é de Leonardo. A escultura está ali desde sempre... no bloco de mármore!!!

O escultor tem que saber fazer para que possa se tornar presente isso que existia e que estava ali desde o início.

Freud consegue fazer uma bela metáfora ao substituir a escultura pela psicanálise e a pintura pelas psicoterapias.

Compara as psicoterapias à pintura. Nela o analista, como o pintor, acredita saber o que será bom e coloca isso no sujeito, tratando o analisando como o pintor trata a branca tela.

A psicanálise, dirá Freud, procede, como a escultura, pelo outro caminho, pela "*via de levare*", tirando, perturbando a fixidez das defesas e os falsos gozos fantasmáticos, para chegar ao que verdadeiramente é o ser, que dessa forma pode se tornar presente: Ser.

É tirando o que cobre, o que oculta, que o escultor chegará a essa única peça: uma escultura. Para dizê-lo com nossas palavras, é necessário um tempo para remover e poder chegar ao próprio, ao singular do Sujeito. Às ressonâncias e à iteratividade do gozo. O que é único de cada um de nós.

Esse existir feito de Gozo Um não está escondido no fundo de um saco. Está presente desde o primeiro momento ali, dentro da pedra e, em nossa clínica, a dificuldade se apresenta como repetição. Repetição de algo ruim, de fracasso ou de impotência.

Hoje, segunda-feira 7 de março de 2022, dia em que abrimos o nosso ano de trabalho em comum, podemos dizer que esta delicada metáfora que fabrica Freud, a partir de Da Vinci, continua tão válida quanto em 1904.

Esta intuição de haver algo único em nós, presente desde os inícios de Freud, encontra-se em Lacan também desde seus primeiros momentos.

Com efeito, no início de seu ensino em 1953, Lacan, no Seminário Livro 1, se refere ao final da análise.

Um parêntese: Um dos motivos de ser tão importante o passe, e o estudo e debate continuado sobre os finais de análise na Escola, é porque a concepção de final define a posição do analista no início.

Voltando ao nosso assunto do Seminário 1: Nas duas últimas páginas do capítulo 18, debate com um analista importante, Balint, as ideias sobre o final da análise.

Contraria a ideia de Balint de que no final trata-se de abandonar uma identificação ruim do sujeito para realizar uma nova identificação, desta vez com seu analista, por ser melhor do que a anterior. Ou seja, uma proposta de trocar de identificação, mas ficando sempre - seja ruim ou seja boa - como algo que se toma do outro.

Na sua crítica, questiona a *Ego Psychology*, que se interessa pelo fortalecimento do ego. Lacan opina: "... o progresso de uma análise não diz respeito ao aumento do campo do ego, não é a reconquista pelo campo do ego da sua franja de desconhecido, é uma verdadeira inversão, um deslocamento, como um minueto executado entre o ego e o id"¹.

O fortalecimento do ego e a identificação com o analista, como ponto de detenção, são criticados, surpreendentemente, com um poema.

Nele já está em Lacan a ideia do singular, do Há Um.

E então lê a poesia, um dístico de Ângelus Silesius, no qual vemos de forma poética a mesma ideia de Leonardo e de Freud:

Contingência e essência

*Homem, torna-te essencial: porque, quando o mundo passa, a contingência se perde e o essencial subsiste.*²

1 LACAN, Jacques. O Seminário Livro 1: A ordem simbólica. Pág. 264. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

2 Ibid.

E acrescenta:

“É disso mesmo que se trata ao termo da análise, de um crepúsculo, de um declínio imaginário do mundo, e até de uma experiência no limite da despersonalização. É então que o contingente cai – o acidental, o traumatismo, os obstáculos da história – e é o *ser que vem então a se constituir*”.³

Vejam como a técnica da escultura de Leonardo, que Freud considera como a orientação na análise, equivale ao que Lacan pensa do final da análise e, portanto, da orientação a se manter desde o seu princípio e durante o desenvolvimento de uma análise.

Esta diferença entre a *via di porre* e a *via di levare*, cria dois campos radicalmente separados e diferentes: O campo do Outro e o campo do Um.

Ou partimos do Outro para terminar com algo melhor, mas sempre do Outro, ou partimos do Um para chegar, através do Outro, ao mais íntimo e único do Um.

Essa diferença tem consequências.

Após esta introdução, junto a meus melhores desejos para cada um de vocês, quero dizer algumas palavras sobre dois assuntos: O valor fundante da clínica e sobre o real.

A clínica é o ponto de partida.

Será partir da clínica a construção da teoria em psicanálise. Sabemos que antes de 1900, época da publicação da “Interpretação dos Sonhos”, Freud encontrou um método para dar sentido às confissões dos analisantes interpretando os sofrimentos da mente humana ao par que construía uma teoria do sentido desde as inacreditáveis surpresas da clínica.

Lacan continuou o mesmo caminho. No início de seu ensino retomou os casos clínicos de Freud e, no Seminário 1, afirma que a grande descoberta de Freud foi o dispositivo psicanalítico. Isso foi o que permitiu a ele, ouvindo suas pacientes, elaborar uma teoria da mente e lançar as bases de seu funcionamento.

3 Ibid.

Com a morte de Lacan, em 1981, quando todos pensavam que Jaques-Alain Miller lançaria a consigna de Retorno a Lacan, ele propõe um retorno à clínica.

É fato que: o dispositivo analítico continua o mesmo apesar de grandes mudanças teóricas acontecerem.

O que é esse dispositivo?

Há uma regra fundamental do dispositivo analítico. Ela é estruturante. Assigna ao analisante o seu lugar e a sua função, que é a de falar associando de modo livre, e veremos que essa liberdade é relativa. Por outro lado, outorga ao analista a posição de silêncio e a tarefa crucial de assumir o ato de interromper dito silêncio.

A primeira frase na Introdução ao Seminário diz: O mestre (se refere ao Mestre Zen) interrompe o silêncio de qualquer maneira... E finaliza a frase ao dizer que cabe ao discípulo interpretar. A rigor vocês veem que a temporalidade da sessão não pode ser um *standard* governado pelo relógio.

Como falei, este dispositivo permanece firme desde antes da “Interpretação dos sonhos”, data que se considera como a do nascimento da psicanálise. Ainda usamos o mesmo dispositivo que cede ao analisante o início do discurso, a escolha do tema. A primeira palavra é do analisante.

O S1 de cada sessão é do analisante.

O crucial, o importante, é que este S1 traz consigo algo do primeiro gozo, do primeiro real de cada sujeito. Como conectar-se com ele e assim estabelecer o que chamamos de transferência ao real? Uma nova pergunta em pleno trabalho de respostas.

E agora, algumas palavras sobre o real.

O que é o real tão mencionado como norte da Orientação Lacaniana do Campo Freudiano?

O primeiro problema é que, quanto mais tentamos falar, definir, limitar o real, mais longe dele ficamos.

O real existe. Não conhece o \$ujeito ou o ser. O real não tem ser.

Nele não tem como construir diferenças ou fazer conjuntos. O real não tem nome, não informa. Não há saber no real. É o negativo do verdadeiro, existe como exterior ao saber. Não faz laço. Não obedece nenhum sistema, não tem ordem.

O real é sem lei, diz Lacan no Seminário 23.

O real na clínica somente pode ser pensado como gozo. Dito de outra forma: o gozo é, na clínica, o modo como vislumbramos, como percebemos os rastros, os indícios do real.

Esta resposta exige retomar a questão perguntando-nos sobre o gozo. O gozo não é apenas um gozo, há gozos. O gozo pertence ao estatuto do existir. Este existir produz efeitos de ressonâncias, constitui, ao mesmo instante, uma satisfação vital e mortificante.

O desejo do analista é precisamente o desejo de aproximação ao real, de orientar-se ao real. Um desejo de abordar o inabordável e assim conseguir que o analisante possa chegar a um ponto sem sentido, final de sua análise, e ficar assim desabonado do inconsciente transferencial.

“Não há relação sexual” — é a primeira forma na qual Lacan diz da separação radical do real com o simbólico e o imaginário.

Em *Piezas Sueltas*, Miller diz do real: o real de Lacan é um negativo do verdadeiro, uma vez que ele não está ligado a nada, que está desatado de tudo, até mesmo de todo tudo. Não obedece a nenhum sistema, condensando o fato puro do traumatismo.

No início de sua vida como psicanalista, Lacan criticou o ensino nos Institutos da IPA. Escreveu vários textos, um dos quais se chama “A psicanálise e seu ensino”.

É um texto de fevereiro de 1957 e está dividido em duas partes: o título da primeira parte é “A Psicanálise e o que ela nos ensina”. O título da segunda é “Como ensiná-lo”?

A pergunta central de todo o texto, e que Lacan faz aos psicanalistas e a ele próprio, é sobre o real da formação analítica. Como o real se faz presente na experiência singular de cada um.

Na primeira parte, na qual comentará sobre o que nos ensina a psicanálise, há uma interrogação que não se apaga em torno do real.

Ele percebe que no inconsciente há alguma coisa que é “transcendente ao sujeito”. Afirma que “dizer que o sintoma é simbólico, não é dizer tudo”. Neste momento, diz Lacan, Freud interrogava o sustento desta verdade com a concepção da pulsão de morte.

E acrescenta que, por perder este rigor psicanalítico e recusar esta interrogação de Freud sobre o real da pulsão de morte, os psicanalistas de hoje, tem caído num “ambientalismo declarado”.

A segunda parte, “Se isto é o que a psicanálise nos ensina... Como ensiná-lo?” é um texto é muito rico e destaque apenas uns poucos assuntos entre outros.

Abre com uma pergunta: “qual é, esse algo que a psicanálise nos ensina ser-lhe próprio, o mais próprio, o verdadeiramente próprio da psicanálise?”.

Finaliza dizendo que só podemos transmitir um ensino que mereça ser chamado de um retorno a Freud, pela via de transmitir um estilo. Vejam que o estilo de cada um tem a ver com o singular.

Em 1967, dez anos depois, no livro 7 “A ética da psicanálise”, Lacan inicia os primórdios do último ensino com um programa de investigação sobre o real.

A pergunta pelo real está intimamente relacionada ao fato de Lacan, nesse momento da sua reflexão, se questionar sobre a relação entre o Um e o Outro e, assim, esse programa perdurará até o final da sua vida, ou seja, se estende até o final do seu ensino, especialmente até o Livro 23 sobre “O Sinthoma”.

Com efeito, o Seminário 7, “A ética da Psicanálise” apresenta, em sua primeira aula, um novo programa de trabalho sobre o real, centrado na intenção de “alcançar um aprofundamento na noção do real”.

Esse projeto ético não procura o caminho do ideal, para continuar com a clássica procura do bem, em especial na tradição aristotélica. Está inspirado no próprio Freud que, em “A Interpretação dos Sonhos”, diz: “*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo*” — se não posso mobilizar os deuses dos céus, movimentarei os do inferno.

Em 1924, Freud publica “O Problema econômico do masoquismo” e ali modifica a sua teoria de 1915, na qual colocava o sadismo como anterior ao masoquismo, propondo agora o sentido contrário: o masoquismo antecede o sadismo. Desta forma o próprio corpo é o objeto inicial da pulsão.

Lacan se interessa, - sempre no Seminário 7, pelo famoso Marquês de Sade, pela sua vida e a sua obra. Sade, que dá seu nome à perversão “sadismo”, teve uma vida pessoal profundamente masoquista. Podemos colocar em paralelo, como um conflito ético, a máxima de Sade e a máxima kantiana. O comum, em ambas, é que são universalizantes. Kant diz: Atue de tal modo que a máxima da tua vontade possa sempre valer, ao mesmo tempo, como princípio de uma legislação universal. Lacan, por sua vez, em sua leitura da “Filosofia na Alcova”, infere a máxima sadiana da seguinte maneira: “Tenho o direito de gozar do teu corpo, pode me dizer qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar”.⁴ Então, a aspiração de aproximar-se do real com a intenção de se aprofundar nele, implica, segundo Lacan, alcançar o núcleo do masoquismo erógeno primário freudiano.

Um parêntese sobre o masoquismo erógeno primário:

O texto de Freud tem uma primeira parte que trata de uma questão crucial: o masoquismo coloca em questão o Princípio de Prazer, que governa a forma como é desenvolvida a estrutura psíquica de tal modo que a finalidade imediata do sistema é se livrar do desprazer e tentar condescender ao prazer. Freud relaciona o desprazer ao aumento da quantidade e o prazer à sua diminuição. Assim, a estrutura do aparelho psíquico está configurada para escoar quantidade, na medida em que seu aumento excessivo é o que provoca o desprazer.

O masoquismo erógeno primário é a base de todo masoquismo. É a satisfação no sofrimento e na dor do corpo. Como se pode gerar uma coisa assim, que foge ao princípio do prazer?

Freud fala da seguinte forma, parecendo a descrição de uma batalha, como se dão - na realidade - entre forças adversas:

A pulsão de morte entra no corpo de modo destrutivo, empurrando o organismo à destruição, e a solução cabe à libido. A libido então se encontra

4 LACAN, Jacques. Escritos: Kant com Sade. Pág. 780. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

nos seres vivos com o instinto de morte ou de destruição, que se faz presente no instante do nascimento e que, “busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares dele ao estado de inorgânica estabilidade”.⁵

A forma que a libido encontra para salvar a vida da pulsão de morte é a de desviar a maior parte possível para fora, para os objetos do mundo exterior –cit.- “com a ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura”.⁶

Outra parte, que não realiza essa mutação para fora, permanece no organismo e, com a ajuda da libido sexual, torna-se ligada libidinalmente ao corpo e nela devemos reconhecer o masoquismo original erógeno. A pulsão de morte não ligada a nenhuma dessas formas passa a fazer parte do Superego, que assim fica, desde a sua constituição, feito de pura pulsão de morte, e por isso precisamente seu imperativo categórico sempre será a ordem: Goza!

Voltemos à pergunta pelo real: Há Um.

Várias são as consequências clínicas que tem partir do Outro do que fazê-lo do Um.

Duas delas, que desejo apenas mencionar, são: a transferência é ao real, e o que orienta a cura não é mais o sentido, mas o sem sentido, produzindo-se assim uma passagem da interpretação à leitura.

Real Leitura Simbólico Interpretação Imaginário

Sem sentido <-----+-----> Sentido

<----- Giro de 180graus ->

Mas, há uma dificuldade especial na aceitação das teorias analíticas.

No seminário “A Angústia”, Lacan inicia o capítulo XIX, chamado “O falo evanescente”, tratando da diferença entre o tempo necessário para uma comunidade científica aceitar uma nova teoria e o tempo necessário para a comunidade analítica aceitar mudanças importantes. A teoria da relatividade de Einstein, pouco tempo depois de publicada, contou com a compreensão e a

5 FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos: O problema econômico do masoquismo. Pág. 199. Rio de Janeiro, 1976.

6 Ibid.

aceitação da comunidade científica. O mesmo aconteceu com as teorias de Newton, etc. Não é assim na Psicanálise.

O giro de Freud de 1920, que introduz a pulsão de morte, levou tempo e nunca foi totalmente aceito por diversos analistas — especialmente pela comunidade norte-americana da IPA ligada à *Ego Psychology*.

Lacan continua a dizer, no Livro 10 do Seminário, que os analistas precisamos de bem mais tempo, em decorrência da necessidade de elaboração.

A implicação subjetiva do analista na inclusão dos conceitos “depende da angústia de castração”. É por isso que continuamos nossas análises. É por isso que, para estudar psicanálise, temos que ir a um analista.

Quero terminar relatando a vocês o seguinte:

Antes de seu último ensino, Lacan utiliza uma metáfora muito bonita para mostrar a ação do significante sobre o corpo. Nela, uma nuvem carregada de água cai como chuva sobre a terra, produzindo sulcos nos quais a água corre, à procura de uma saída. A nuvem claramente representa o Outro, carregado de significantes que caem sobre o ser, virgem de marcas. Vão se formando assim sendas de circulação que equivalem ao discurso, que vai se tecendo e, dessa forma, “facilitando” a passagem, como diz Freud, ou “fixando”, como diz Lacan, o caminho da descarga, ou seja, o sentido daquilo que irá se formando como discurso. Desse modo, estruturam-se o Sujeito e o Ser, com uma consistência de discurso.

Miller, já na perspectiva do último ensino, usa essa metáfora para dizer, sobre a chuva significante, que sim, sem dúvida, se trata de uma escrita, mas que antes dela se produzir, existe outra. Antes da chuva de significantes do Outro, há outra escrita.

Então, há duas escritas.

Essa primeira, determinante, é uma escrita que se instaura a partir do Um. Não é como uma chuva, é como um vulcão que, de dentro, explode e traça sulcos pelos quais, posteriormente, se encaminharão os significantes que caem das nuvens do Outro⁷.

7 O real é sem lei. Opção Lacaniana 34, São Paulo, 2002.

Lacan reserva esse campo, que chamará de campo do Uniano, para a escrita borromeana que vem do Um e, repito, não depende de fora, do Outro-nuvem — surge de dentro do vulcão, como gozo. Esse debate é antigo na psicanálise e, como vimos, parte da teoria do masoquismo erógeno de Freud.

Esse excesso de força do vulcão se trabalha por meio da mutação.

A mutação é fundamentalmente uma passagem de gozo excessivo para desejo, a partir da produção de amor, que é uma das consequências de uma psicanálise.

Este nosso mundo atual é resultado da evaporação da figura patriarcal, mudança na qual participa o discurso do capitalismo que é fundamentalmente um discurso sem amor, e da desapareção do valor do simbólico. Deste mundo da velocidade, do valor da imagem, que tem o gozo no centro e a pulsão escópica é predominante, formam parte nossos pacientes.

A aceleração temporal e o uso da imagem, presentes e em crescimento exponencial, dependem da pulsão escópica de grande poder no ser humano e que se satisfaz do puro ato de olhar.

Assim vivem nossos amigos e colegas, os jovens sofrem assim, e vemos as mudanças, na clínica, na abordagem transferencial, quando há analista, mas não há analizante.

Para terminar quero dizer que o amor é figura central na ação analítica. Lembro a famosa frase de Lacan, do Seminário 10, sobre como é o amor que faz o gozo condescender ao desejo. E também a frase de Freud quando afirma que a psicanálise é uma cura por amor.

E com isto encerro minhas palavras e abro um novo ano, desejando que o mundo se acalme.

Um abraço a cada um de vocês e que possamos ter um bom ano trabalho!

OS ALGORITMOS E A CLÍNICA ORIENTADA PELO REAL

Rogério de Andrade Barros

*Membro da EBP/AMP, Diretor do IPB, Professor da Universidade
Estadual de Feira de Santana*

Os avanços tecnocientíficos nos levam a considerar como o discurso do mestre atual, ao digitalizar a vida em formas de interações em rede, administra o insondável do humano através da lógica algorítmica. Nessa perspectiva, a previsibilidade e indução comportamental passam a dar o tom de uma época, em que a causa real encontra-se reduzida ao gerenciamento da Inteligência Artificial que, através da codificação, pretende captar o desejo humano.



Sadin (2017) aponta que no século XX, a física quântica, a relatividade einsteiniana e a psicanálise freudiana desconstruíram a pregnância do antropocentrismo, produzindo um descentramento do homem moderno do seu eixo da consciência e controle. Esses golpes epistêmicos produzem uma rachadura no narcisismo da humanidade, dando lugar, no novo século, a sistemas robotizados que consomem definitivamente as transformações do século precedente.

O presente trabalho objetiva abordar a lógica algorítmica e a psicanálise a partir da clínica orientada ao real. Distinta da aposta da predição comportamental, que levaria a apreensão da verdade inequívoca do sujeito, a clínica, ao orientar-se ao real, interpõe uma opacidade cuja lógica significativa não alcança, restando um troço insondável.

A descoberta freudiana das formações do inconsciente e sua lógica representativa levou a prática analítica ao estatuto do desvelamento do sentido oculto do desejo, manifestação sempre deformada pelo recalçamento. Lacan (1964/1979), em sua releitura de Freud, propõe que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, obedecendo as leis da sintaxe. A cadeia significativa demonstra a arbitrariedade do significado, aí onde os significantes, que nada querem dizer, por meio do encadeamento, anunciam um sentido.

Miller (1978) sustenta a ideia de que as formações do inconsciente se apresentam como signos a decifrar, sendo toda metapsicologia freudiana lida por Lacan através da lógica do significante. A sua teoria dos discursos pretende, pela via do matema, indicar o modo pelo qual a sequência infinita de significantes se articula a uma causalidade real, sob o qual toda a aparelhagem simbólica não faz mais que gravitar ao redor de um furo.

Miller (1978) acrescenta que não há matema do real. Assim, aquilo que anima a lógica discursiva, fazendo passagem de um discurso a outro, é a entrada no amor, como nos ensina Lacan (1972-73/1985) em seu seminário *Mais, ainda...*: uma inscrição que traz a ilusão de que a relação sexual que não existe possa surgir como uma miragem. Ao considerar esse pressuposto, o liame social se dá sob a via de uma trama ilusória, já que aquilo que se lê não corresponde ao real, mas a uma aproximação, um litoral, uma marca da qual se pode supor a sua existência. Trata-se da letra, cuja instância é indecifrável, fazendo a passagem de um simbólico delirante e interpretativo a um novo simbólico, esvaziado, cujos significantes não dizem nada, mas veiculam gozo.

Na era da tecnociência impulsionada pelo mercado, Soria (2020) propõe que a lógica algorítmica torna exponencial a ideia de que o real possa ser matemizado, sem restos, absolutamente incorporado a rede codificada. Se o sujeito da psicanálise é aquele dividido em uma escansão entre gozo e significante, sendo propriamente o que a ciência foraclui, resta-nos a questão de que Outro se trata no novo mundo das verdades ditadas pelo novo Deus, o *Big Data*.

A acumulação, sob a forma de dados, que dá corpo e substância ao *Big Data*, apresenta alguma similaridade com o lugar do código, ao qual Lacan nomeou como Outro, tesouro dos significantes (FAJNWAKS, 2022). Trata-se do lugar do endereçamento, onde as questões podem encontrar, no código, um trilhamento, um percurso significativo. *Data* e significantes encontram, aqui, equivalência. Entretanto, o Outro da tecnologia se apresenta como um Outro da síntese, hospedando os significados do sujeito de forma inequívoca,

já que significante e significado se encontram soldados. Como efeito dessa lógica, há também uma indivizibilidade do sujeito. A cifragem sem equívoco é, então, uma cifragem sem resto, construindo uma tradução matemática dos significantes em dados que se significam a si mesmo. O empreendimento da ciência contemporânea pode ser entendido como uma tentativa de o simbólico recobrir o real, fazendo a relação sexual se escrever, absorvido através dos dados digitais.

Como já apontava Lacan (1971/2009), a ciência não passa de um semblante articulado que o real vem furar. Real que, como aponta Miller (2012), é sem lei e apresenta-se hoje em certa desordem. Não mais equiparado a natureza, o delírio da ciência contemporânea pretende apartar o gozo, tornando o corpo sem substância (BARROS, 2020). A estratégia algorítmica, assim, corresponde a nova roupagem deste afã.

A clínica orientada pelo real, ao considerar os efeitos da presença do analista e a inconsistência do Outro, em contraposição a abolição do acaso proposta pelo projeto civilizatório da humanidade aumentada, constitui uma contraposição política ao achatamento do real sob os códigos massivos. Ao considerar o insondável da transferência e a equivocidade do significante, reconduz o tratamento a causa real e traça um percurso que mira a identificação ao modo de gozo, como um acontecimento de corpo fora de sentido. Sob essa prerrogativa, o ser falante sobreviverá a digitalização do mundo se soubermos nos orientar pelo real. A poesia e as invenções seguem sendo apostas que o dispositivo, já proposto por Freud, permite transmitir. O passe, como aposta, torna-se o nosso algoritmo, não sem considerar o impossível posto em jogo.

Referências

- BARROS, R. A. O delírio da tecnociência: um corpo sem substância. In: **Lapsus - Publicação dos Associados do IPB**, v. 1, p. 26-28, 2020.
- FAJNWAKS, F. Não haverá algoritmo para digitalizar o psicanalista. In: **Derivas Analíticas**, julho 2022, n. atual. Disponível em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/algoritmo-psicanalista>. Acesso em 2 out 2022.
- LACAN, J. (1964). **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- LACAN, J. (1971). **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não seja do semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- LACAN, J. (1972-73). **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MILLER, J. A. Algorithmes de la psychanalyse. In: **Ornicar?**, n. 16, p. 15-24, 1978.

MILLER, J.-A. O real no século XXI. In: **Opção Lacaniana**, n. 63, jun., p. 11-20, 2012.

SADIN, E. **La humanidad aumentada**. Caja Negra: Buenos Aires, 2017.

SORIA, N. L'ame-à-tiers y lo vivo del cuerpo en la sesión analítica. In: **Letras Lacanianas**: Revista de Psicoanálisis de la comunidad de Madrid – ELP, n. 20, p. 8-14, 2020.

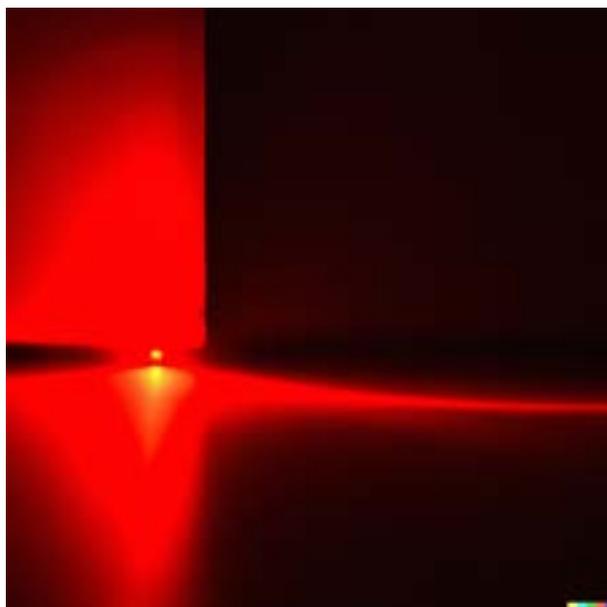
TEXTOS

E SE NÃO TIVESSE O AMOR... E SE NÃO TIVESSE O (A) GALMA

Graziela Vasconcelos

Associada do Instituto de Psicanálise da Bahia

É de traços, pedaços e fragmentos que se faz possível esse pequeno texto. Que algo arrebatada e em razão de haver uma falta, se pode operar os efeitos de um agalma. Objeto (a)galma, ele, que apesar de dizer de uma falta, nunca falta, não neste lugar, onde, à primeira vista, o amor se instaura.



Sobre isso, sobre esses objetos agalmata, quem tão precisamente nos fala, em seu encômio à Sócrates, é Alcibíades. Em *O Banquete*, de Platão (2021), Alcibíades descreve, e de maneira topológica, algo do ser de Sócrates que é a razão mesma de seu arrebatamento. Ao tomar o sileno como imagem com a qual irá comparar Sócrates, Alcibíades coloca em jogo um dentro e um fora. Uma preciosa indicação topológica. Ele não despreza, tampouco nega o fora representado pela aparência de Sócrates, mas é no dentro, no interior, que Alcibíades nos faz ver que está a verdadeira preciosidade, o objeto que arrebatada.

“Ignoro se alguém [...] viu as estatuetas no seu interior..., mas eu as vi um dia, e as achei tão divinas e áureas, tão perfeitamente belas e admiráveis que simplesmente vi-me na situação de fazer como ele me instruíra” (p.84). Arrebatado pelo que, ao contemplar Sócrates pela primeira vez, Alcibíades descortina, ele condensa, nesse trecho, os surpreendentes efeitos dos agalmata. Sobre

o que, aqui, está em questão, Barthes tem algo a nos dizer e Lacan, precisamente, tem algo a nos fazer ver.

Lacan (1960/1961), coloca em relevo, dentre outros, um valiosíssimo aspecto do agalma, esse que vai mais além de um objeto ornamental com a função de enfeitar e se apresenta como uma joia, um objeto precioso, o que se destaca é seu poder subversivo. Aquele que porta os agalmata é aquele que comanda, que ordena e a quem aquele que é arrebatado torna-se submisso. Isso por si só já nos permite ver toda uma formulação lacaniana em torno da constituição do sujeito, da submissão ao Outro e de um objeto que é em verdade parcial. Lacan mesmo destaca e aproxima o aspecto mágico do agalma à magia da questão essencial que coloca o sujeito, Che voui?

Em Fragmentos de um discurso amoroso, Barthes (2018) nos apresenta a ideia do mito moderno de um rapto amoroso, uma construção que parece dialogar com Lacan em sua ideia de poder subversivo do agalma, ele vai nos dizer: “o arrebatador não quer nada, não faz nada; ele fica imóvel (como uma imagem), e é o objeto arrebatado que é o verdadeiro sujeito do rapto, o objeto da captura se torna sujeito do amor” (p.45), sujeito precisamente por sua posição de assujeitado à ordem daquele que porta o agalma. Barthes nos diz ainda que o amor à primeira vista é uma hipnose e que o que fascina é uma imagem, como vemos bem narrar Alcibíades ao dizer de seu encontro com o que há no interior de Sócrates.

Agalma, um objeto que não se pode precisar e que se apresenta enquanto um traço, um pedaço, que carrega escondido mais do que se pensar ser e cuja função, Lacan vai chamar de objeto parcial. No Banquete, Platão nos apresenta de forma tão lindamente clara o que Lacan nos explica: que não se trata de equivalência, de tomar todo o outro por objeto do desejo, senão de que esse objeto encarna algo, alguma coisa que o distingue dos demais e que o faz ser então aquele do enlace amoroso, não por sua totalidade, mas por esse ponto visado pelo desejo como tal. O objeto localizado em Sócrates é, na verdade, pertencente à Alcibíades. Miller (2020) nos diz desse objeto enquanto aquilo que cai quando a coisa é absorvida no Outro, “o objeto a está contido no Outro” (pag. 67). Ele nos diz ainda que o objeto a o sujeito o tem, mas não à sua disposição e nem sua propriedade, por isso o tem e não o tem e que esse paradoxo carrega a definição do amor em Lacan, dar o que não se tem.

Por haver agalma, o que faz Alcibíades em seu encômio é lançar um apelo, uma demanda de amor à Sócrates, uma demanda que produz desejo. Ao final do seu elogio à Sócrates este “interpreta”: “julgas que deves manter-me

a te amar com exclusividade e Agaton como objeto exclusivo de seu amor” (p.93). Ou seja, se oferece como amado (érôménos), demanda de Sócrates o seu amor, seu agalma, para assim se dirigir enquanto amante (erastes) à Agaton. Sobre as coisas do amor, Sócrates sabe e é porque ele sabe que não ama. Afinal, é o não-saber que produz as condições para o amor. Sócrates sabe que não há nada nele que justifique ser digno de ser amado ou desejado por Alcebíades. Se Sócrates não se coloca no lugar de érôménos, não se pode produzir aí a metáfora do amor, há, portanto, uma impossibilidade de surgir um érastès (amante) ali onde estava o érôménos.

O que se observa é que o agalma mantém, ao mesmo tempo, certa proximidade e distância do sujeito desejante. Uma proximidade mais da ordem do Imaginário do sujeito, naquilo que o objeto traz de aprisionante, de arrebatador e uma distância que aponta para algo impossível de simbolizar, o Real. O agalma permite então uma aproximação ao que é distante por ser inapreensível.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- Eurípedes. Hécuba. Madrid: **Editorial Gredos**,1999.
- Lacan, J. (1959). **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1960). **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.
- Miller, J. A. **Extimidad**. Buenos Aires: Editora Paidós, 2020.
- Platão. **O Banquete**. São Paulo: Editora Edipro, 2012.

DA ESCUTA À LEITURA, A PRESENÇA DO (A) ANALISTA

Christianne Alcântara

Aluna do Curso Regular e do Curso de Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana

“A arte de escutar equivale quase à de bem dizer.”¹

Jacques La-
can

“Uma Torre de Babel, as pessoas não se escutam, não se entendem”. Essa era a queixa de uma senhora de seus 60 anos, na fila do supermercado. Referia-se a uma discussão protagonizada por dois homens que debatiam calorosamente sobre o impacto do Governo Bolsonaro nos preços dos produtos. Se as pessoas ao redor não compreendiam o que diziam, difícil imaginar o que eles, envolvidos com suas próprias falas, entendiam acerca do argumento um do outro.



A senhora foi a única a ousar tecer qualquer comentário, mesmo que em um sussurro, quase inaudível. Por longos dois minutos, o supermercado se aquietou para (pasmem!) escutar a discussão. Fez-se um sonoro silêncio ao redor. Tão sonoro, que seguranças do supermercado resolveram intervir e evitar que os consumidores fossem às vias de fato.

¹ Lacan, J. (1988 [1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 119;

Convidados a se retirarem do ambiente, os dois homens saíram, gritando ao mesmo tempo “Petralha!” e “Bolsominion!”, de forma que até hoje eu não saberia dizer quem defendia o atual presidente ou quem era contra. Muito menos qual era o argumento de cada um para defesas tão apaixonadas, se é que existia algum.

Quando o silêncio ao redor se dissipou, os espectadores comentaram a cena, em busca de um “sentido” para aquele debate. Segundo Miller², “(...) tudo o que faz sintoma (...) tem um sentido e pode ser decifrado (...)”. Da minha parte, não ansiei por sentido algum, mas pelo fim do martírio que, para mim, é a tarefa de “fazer feira”. Não sabia, àquela altura, que o fato seria objeto deste artigo.

Miller³ vai dizer que “(...) a psicanálise é um assunto de escuta (...)”, enquanto Laurent⁴ vai destacar que o (a) “(...) analista, em primeiro lugar presente como escuta, introduz, com seu silêncio, uma demanda de fala por parte do analisando”. Ambos os autores trazem à tona a questão da escuta, embora o façam para depois introduzirem, respectivamente, Miller e Laurent, a leitura e a interpretação.

Volto ao acontecimento no supermercado e me recordo que percebi estarem os espectadores em busca de um “sentido”. Ou ainda perguntando uns aos outros, enquanto balançavam a cabeça em sinal de reprovação: “Qual é o sentido disso, afinal?”. Teria a pergunta, aparentemente retórica, ocupado o lugar da afirmação – que não foi pronunciada – “Isso não faz sentido.”?

Saindo do fato ocorrido (que me ressoou como uma provocação) para o que trata a Psicanálise, Miller⁵ vai afirmar: “O que se escuta de fato é sempre o sentido, e o sentido chama sentido”. Eu me pergunto: Quando não se escuta o sentido, faltou a leitura? Ou seria uma eterna busca do sentido perdido, parafraseando o título de Proust⁶?

2 Miller, J.-A. (2009). “O inconsciente e o sinthoma”. In: Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise (55). São Paulo: Eolia.

3 Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01);

4 Laurent, É. (2022). “A interpretação: da escuta ao escrito”. In: Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (87);

5 Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01);

6 Proust, M. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017;

No supermercado, os homens discordavam aos berros, mas não se escutavam. Assim, seria impossível produzir diálogo. Os espectadores, por sua vez, embora atentos, não entendiam nem mesmo de que lado cada um dos protagonistas se posicionava e se questionavam sobre o sentido da disputa.

Não havia comunicação, havia monólogos. Cada um proferia o seu. O suposto debate, comparado a uma situação digna do mito bíblico da Torre de Babel, não se tratava de um esforço de comunicação. Sobre esse aspecto, em “O monólogo da aparola”⁷, define-se que

“a *aparola* é no que se transforma a fala quando ela é dominada pela pulsão, quando ela não garante a comunicação, mas o gozo. É o que corresponde à fórmula de Lacan, no *Seminário Mais, ainda*: ‘Ali onde isso fala, isso goza’, que significa no contexto: *isso goza de falar*.”

Quem assistia à cena do supermercado, entre pasmo e incrédulo, não encontrava sentido porque, definitivamente, não se trata do sentido em si mesmo, nem muito menos do sentido perdido. Na fase final do ensino de Lacan, percebe-se um rebaixamento do sentido. E, mesmo antes, já se identificava um rebaixamento do sentido como significado⁸.

No lastro do rebaixamento do sentido, Miller⁹ defende que se explore o que a Psicanálise pode vir a fazer no campo da leitura. E ao ler “leitura”, compreenda-se “saber ler”. Sendo assim, não se trata de encontrar sentido no sintoma, nutrindo-o. Pelo contrário: ler um sintoma vai implicar em privar o sintoma de sentido.

A esse propósito, o mesmo autor define que a “(...) leitura, o saber ler, consiste em colocar a distância a fala e o sentido que ela veicula (...)”¹⁰ e sentencia acerca do deslocamento, feito por Lacan, do enquadre edipiano para o enquadre borromeano: “(...) é o próprio funcionamento da interpretação que muda e passa da escuta do sentido à leitura do fora de sentido”¹¹.

7 Miller, J.-A. (2012). “O monólogo da aparola”. In: Opção Lacaniana on-line nova série (9);

8 Miller, J.-A. (2002). “O real é sem lei”. In: Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise (34). São Paulo: Eolia;

9 Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01).

10 Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01);

11 Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana

Antes, porém, do “saber ler”, faz-se necessário entender a escuta como um ato que precisa estar despido de um saber, apesar da

(...) crença do analisando de que o analista tem em seu poder o saber no lugar do objeto demandado. Qualquer demanda implica a escuta, o silêncio da escuta como lugar reservado ao que, naquilo que se diz, excede a intenção. Essa escuta silenciosa vem marcar o lugar do desejo que, no discurso, se ignora¹².

Se a escuta silenciosa, por um lado, marca o desejo; por outro, marca a presença do (a) analista. No Seminário 11, Lacan¹³ adjetiva o termo “presença do analista” como “belo” e o conceitua como “(...) uma manifestação do inconsciente, de modo que quando ela se manifesta (...) como recusa do inconsciente (...) isso mesmo deve ser integrado no conceito de inconsciente”. Assim, é com a presença do analista que o discurso analítico vai se instalar, seja pela escuta, seja principalmente pela leitura.

Em *O inconsciente e o sinthoma*¹⁴, Miller ressalta que o discurso analítico coloca o (a) analista de frente com o singular. Mas lembra ainda que o (a) praticante tem direito também a sua singularidade. É essa singularidade que vai definir *como* escuta, o (a) analista. E ainda: *como* lê, o (a) analista. O dilema do “saber ler” é imposto, dessa forma, pelo discurso analítico.

Assim, saber ler o gozo onde o analisando não fala, mas o (a) praticante escuta. Saber ler o gozo onde não faz sentido, apesar da escuta. Como no supermercado, onde os espectadores escutaram, mas não encontraram o sentido. E era exatamente ali que estava o gozo. Ali, onde não havia sentido. É nessa direção contrária que a leitura é feita. Da escuta à leitura, o (a) analista, presente, deve tratar de tudo acolher. Não é precisamente isso que Miller vai compreender como uma orientação para a emergência do singular?

de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01);

12 Laurent, É. (2022). “A interpretação: da escuta ao escrito”. In: *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* (87);

13 Lacan, J. (1988 [1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 121;

14 Miller, J.-A. (2009). “O inconsciente e o sinthoma”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (55). São Paulo: Eolia.

Referências:

- Lacan, J. (1988 [1964]). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988;
- Laurent, É. (2022). “A interpretação: da escuta ao escrito”. In: **Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (87)**;
- Miller, J.-A. (2002). “O real é sem lei”. In: **Opção lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise (34)**. São Paulo: Eolia;
- Miller, J.-A. (2009). “O inconsciente e o sinthoma”. In: **Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise (55)**. São Paulo: Eolia;
- Miller, J.-A. (2012). “O monólogo da aparola”. In: **Opção Lacaniana on-line nova série (9)**;
- Miller, J.-A. (2016). “Ler um sintoma”. In: **Lacan XXI - Revista eletrônica da FAPOL Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (01)**;
- Proust, M. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

A LOCALIZAÇÃO DA POSIÇÃO DE GOZO

Sílvia Gusmão
Associada da ACPPE¹

Ao longo do ensino de Lacan, o simbólico foi perdendo sua primazia em benefício de uma clínica orientada ao real. O sentido, o significante e o saber² são rebaixados no último ensino, e o desejo do analista, a partir de então, é se aproximar o mais possível do real de cada sujeito, saber de sua posição de gozo à medida que sua localização norteia o analista na direção da cura.



Contudo, não se consegue acessar o real diretamente, apenas seus indícios. O real não se nomeia, não se escreve, tampouco faz laço. Ele é irrepresentável, impossível, inerte.³ Não há saber no real, nem há relação sexual. O real é sem lei, não conhece o ser; ele apenas existe. O que não quer dizer que é sem causa. O real tem uma causa que é a conjunção do Um e do gozo.

Em *O ser e o um*,⁴ Miller afirma que essa conexão entre o Um e o gozo tem sua raiz na fixação. Em Freud, a parada da pulsão em um ponto fixo é o funda-

1 Associação da Clínica Psicanalítica de Pernambuco.

2 MILLER, J.-A. O real é sem lei. *Opção Lacaniana*. Revista Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 65, 2013.

3 HORNE, Bernardino. Um aprofundamento na noção do real – Sobre o seminário a ética da psicanálise. *Lacan XXI*, Revista FAPOL online, maio 4, Volume 1, 2018.

4 MILLER, J.-A. O ser e o um. *Curso de Orientação Lacaniana III*, 13, 2011.

mento do recalçamento original. Essa fixação da pulsão marca a existência do Um de gozo.

No seu último ensino, Lacan se dedica às consequências da afirmação da existência do *Há-um* (Yad ´lun). No Seminário 19, diz textualmente sobre o campo Uniano: “O que só existe ao não ser: é exatamente disso que se trata, e foi o que quis inaugurar hoje no capítulo geral do Uniano” (LACAN, 2012, p.131). O *Há-um* é puro gozo. Trata-se de um significante que, ao incorporar-se, muta o corpo biológico em gozo, deixando de ser para existir e depois voltar a ser significante.⁵ Esse encontro do significante com a carne viva, Lacan denomina *troumatisme*.

É um encontro traumático porque perturba o corpo biológico que está estabilizado, produzindo efeitos. Esse gozo inaugural é sempre ligado a um primeiro acontecimento da ordem da contingência. Todos os significantes que vêm depois, têm algo dessa primeira marca que tende a se repetir.

Segundo Horne,⁶ o Uniano ocorre em dois tempos. O primeiro é o da incorporação, o Um da pura existência, da substância gozosa. É o tempo da 1ª escritura, da marca que vai escrever-se no corpo, produzindo ressonâncias. Essa escritura pura é desarticulada da fala, portanto, do sentido. Miller diz que “é puro traço do escrito, um desenho. Um nó borromeano, representado, desenhado, é dessa ordem”⁷(MILLER, 2013, p.16). Para Lacan, o nó borromeano é o real.

Em um segundo tempo, trata-se do significante do Um sozinho. Momento de lalíngua, em que o significante faz furo na substância gozante e o simbólico retoma seu poder. Esses S1s são significantes que produzem gozo, relacionados por Lacan à imagem da chuva caindo das nuvens, abrindo sulcos. É uma escritura ligada à palavra, à fala, à voz, com suas entonações e modulações. Aqui, trata-se do simbólico no real.

Na etapa seguinte, temos a letra de gozo. No Seminário, livro 18: de *um discurso que não fosse semblante*, na lição sobre Lituraterre, Lacan (1971/2009) propôs a letra como literal fundado no litoral entre o gozo veiculado na cadeia

5 HORNE, Bernardino. Um aprofundamento na noção do real – Sobre o seminário a ética da psicanálise. *Lacan XXI*, Revista FAPOL online, maio 4, Volume 1, 2018.

6 HORNE, Bernardino. Um aprofundamento na noção do real – Sobre o seminário a ética da psicanálise. *Lacan XXI*, Revista FAPOL online, maio 4, Volume 1, 2018.

7 MILLER, J.-A. O real é sem lei. *Opção Lacaniana*. Revista Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 65, 2013.

significante - gozo fálico - e o gozo impossível de saber. Nessa perspectiva, a letra tem um pé em lalíngua e outro na linguagem.

Na clínica, a repetição da marca inaugural aparece nas ressonâncias que ecoam no corpo e na iteratividade do Um de gozo que se repete. Esse é o ponto de trauma; onde se goza. O analista, na experiência analítica, vai cercando o ponto de gozo, fazendo o sujeito se confrontar com o que de seu gozo não faz sentido, com o que resta mais além da queda do objeto a, com o Um de gozo que “aparece no fazer do sujeito, na repetição, no seu modo de vida” (GONÇALVES, 2008, p.171).

Estamos num nível que difere do inconsciente⁸. O Um de gozo proposto na orientação para o singular, é um gozo que não se resolve na significação fálica, conservando uma opacidade fundamental. Isso tem consequências para a prática, em particular sobre a interpretação, diz Miller. Para Freud, o inconsciente é redutível completamente ao saber e a interpretação, consequentemente, trata de decifrá-lo. Contudo, o saber está excluído do acontecimento. Desse modo, a decifração se interrompe no fora de sentido do gozo e que, ao lado inconsciente, onde Isso fala, há o núcleo do gozo opaco, onde Isso não fala a ninguém. Não esqueçamos que gozo é pulsão, e pulsão não quer dizer nada. Só se dispõe a gozar de seu vai-e-vem.

Para se ter acesso à posição de gozo, Miller propõe a leitura, não apenas a escuta.⁹ Há uma distância entre leitura e escuta. O que escutamos são significações que evocam a compreensão. A escrita relaciona-se com o que marca o corpo. A escuta parte do significado; a leitura do significante. O significante vem primeiro e pode-se ler. Ler o que se ouve supõe reduzir a linguagem à sua materialidade significante – à letra, ao sem sentido. A interpretação dirige-se ao dizer, às formas de dizer que revelam a posição de gozo do sujeito.

Para finalizar, Miller afirma que para se tocar na ordem do Um, é preciso passar pela narrativa e pelo Édipo. Não se consegue chegar diretamente às marcas que ressoam no corpo. O que está escrito não se pode nomear. No entanto, é possível a partir de uma análise significantizar esse real.¹⁰

8 MILLER, J.-A. O real é sem lei. *Opção Lacaniana*. Revista Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 65, 2013.

9 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. *Opção Lacaniana*: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 70, 2015.

10 Ibidem.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, N. **“Pegar o touro à unha” – ou quando a consulta é um tratamento.** *Revista Arteira*, Florianópolis, n. 1, p. 171-175, set. 2008. Escola Brasileira de Psicanálise, 2008.
- HORNE, B. **Um aprofundamento na noção do real: sobre o seminário a ética da psicanálise.** *Lacan XXI*: Revista Fapol, online, v. 1, 4 maio 2018.
- LACAN, J. **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- LACAN, J. **O seminário, livro 19: ... ou pior.** (1971-1972). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.
- MILLER, J.-A. **O inconsciente e o Sinthoma.** *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 55, 2009.
- MILLER, J.-A. **O ser e o um.** *Curso de Orientação Lacaniana III*, lição de 13 de março de 2011.
- MILLER, J.-A. **O real é sem lei.** *Opção Lacaniana*: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 65, 2013.
- MILLER, J.-A. **Ler um sintoma.** *Opção Lacaniana*: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, número 70, 2015.

SERÁ SEMPRE A MESMA CICATRIZ¹

Daniela Lima de Almeida

Associada ao Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB). Pós-graduanda em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (TPOL). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI-UFBA)

Nunca mais
Caminharás nos caminhos naturais.
Nunca mais te poderás sentir
Invulnerável, real e densa –
Para sempre está perdido
O que mais do que tudo procuraste
A plenitude de cada presença.
E será sempre o mesmo sonho, a mesma ausência.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética*)

O gesto freudiano que inaugura a psicanálise introduz uma questão sobre a natureza psíquica das formações oníricas. Ao extrair o sonho do campo científico – que o considerava como um processo fisiológico – e do senso comum – que encontrava nos oráculos o seu sentido –, Freud (1900/2019) chama atenção para a cena inconsciente, que, com seu próprio modo de funcionamento, faz do sonho um guardião do sono e uma realização de desejo sexual infantil e recalçado. Um corte epistemológico



¹ Texto construído para o TPOL, em junho de 2022.

com a neurologia é fundado, do qual deriva uma perspectiva inédita a respeito dos sonhos: a inclusão do sonhador como intérprete da própria formação onírica, o que a retira de todo destino oracular ou da pura atividade cerebral.

O título escolhido por Freud, *Die Traumdeutung, A interpretação do sonho*, já nos introduz um equívoco, marca da psicanálise até os dias de hoje: ao mesmo tempo em que remete a interpretar o sonho, nos diz também do sonho como intérprete (ASSEF, 2020). Na formação onírica, algo é cifrado e decifrado, embora um ponto resista à interpretação: o umbigo do sonho, tal como Freud (1900/2019) nomeia ao falar de “um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar, mas que também não contribuiu muito para o conteúdo do sonho. Esse, então, é o ‘umbigo’ do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido” (p. 530). Uma questão já se delineia, portanto: além do umbigo do sonho apontar para algo que não passa pela decifração, podemos dizer que testemunha também um limite no processo de cifração do inconsciente intérprete?

Esse emaranhado de pensamentos oníricos que Freud (1900/2019) localiza como o umbigo do sonho está intimamente articulado ao desejo: “o desejo do sonho surge então de um ponto mais denso desse tecido, como o cogumelo de seu micélio” (p. 530-1). Assim, a elaboração freudiana já indica que há um ponto em que o desejo escapa à representação. O que resta, então, é um movimento de busca, um impulso psíquico que impele o sujeito a retornar à primeira vivência de satisfação. Neste percurso, embora algo seja realizado, há também a repercussão de uma falta, uma vez que é impossível atingir novamente esta primeira experiência. Para Freud (1900/2019), “nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar” (p. 568).

A epígrafe deste trabalho dá um tom ao aproximar o sonho de uma ausência. Para efeitos deste escrito, podemos modalizar a ausência para uma falta ou para um traço que engendra um contorno de um vazio. O poema de Sophia de Mello começa por anunciar a impossibilidade de trilhar caminhos naturais. Neste verso, ela nos antecipa, pois do que se trata a entrada do sujeito na linguagem, senão de uma inauguração de uma divisão subjetiva, via para o desejo? Eis em Lacan (1954-1955/1985), com Freud, uma poética da divisão, esboçada a partir da elaboração onírica: “[...] eu, o criador, não sou o criador. O criador é alguém maior do que eu. É o meu inconsciente, é esta fala que fala em mim, para além de mim” (p. 217).

No *Seminário 2*, Lacan (1954-1955/1985) retoma a questão do desejo e utiliza o significante *rasgado* para qualificá-lo: “o desejo tem um caráter radical-

mente rasgado” (p. 211). Salta aos olhos que uma derivação deste significante aparece conectado à angústia, ao instante em que, no sonho, o imaginário se decompõe e em que emerge o real em sua face impenetrável, distante das palavras, sem mediação, em que “o sujeito se depara com a experiência de seu *rasgamento*, de seu isolamento com relação ao mundo” (LACAN, 1954-1955/1985, p. 212).

Entre a angústia e o desejo, um rasgo. Mas entre um rasgo e outro, de que se trata? Fenda, rachadura, hiância. De todo modo, cicatriz do inconsciente, como mais tarde Lacan (1964/2008) elaborara no *Seminário 11*. Se desse rasgo não se cura, que essa cicatriz-umbigo possa repercutir, no sonho, no lapso, no ato falho, no chiste ou no sintoma, no que agita o corpo e o vivifica. Do poema que prenuncia que “será sempre o mesmo sonho, a mesma ausência”, essa cicatriz como marca é decantada, é ela que se encontra como ponto invariável, para além das representações que deslizam. Entre a ausência e a falta, entre o rasgo da angústia e do desejo, uma questão de tom.

Referências

- Assef, J. **O sonho e sua interpretação na direção do tratamento hoje**. XII Congresso Associação Mundial de Psicanálise, 2020. < https://congressoamp2020.com/pt/el-tema/papers/papers_001-pt.pdf >. Recuperado em: 06 jun. 2022.
- Freud, S. A Interpretação dos sonhos (1900). **Obras Completas**, v. 4, São Paulo: Cia das Letras, 2019 (PDF).
- Lacan, J. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lacan, J. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O AMOR ESPERA, O GOZO NÃO!

Glauco de Carvalho Morais

“Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar...”
(CHICO BUARQUE, 1993)

O axioma: “não existe relação sexual” (LACAN, 1973/2003, p.454), parte da conjectura que a constituição do sujeito é faltante, que a incompletude é uma condição estrutural. Antecedendo esse axioma e seguindo para uma articulação possível perante essa condição do sujeito, Lacan estabeleceu quatro discursos - modalizáveis em suas disposições - que organizariam as relações entre sujeito, Outro, saber e objeto. O princípio de todo discurso ou laço social é a articulação do campo do sujeito com o campo do Outro, no qual se faz presente a falta, a incompletude.



Em 1970, no Seminário 17 – O avesso da psicanálise, Lacan (1969-70 / 1992) menciona uma “mutação capital [...] que confere ao Discurso do Mestre seu estilo capitalista” (Lacan, (1969-70 / 1992, p.160). Uma subversão no matema entre o significante e o sujeito, será suficiente para constituir o que ele denominará, em Televisão (1974), Discurso do Capitalista – nesse discurso, o sujeito não se dirige a um Outro - como nos demais - mas ao objeto. Nessa nova forma de laço, a relação com o objeto é privilegiada e promissora, pois extingiria o mal-estar e faria existir a hipotética completude - a relação sexual. No matema observamos que os objetos mais-de gozar (*a*) vêm no lugar da produção e, com um frágil anteparo da lógica significante (S1 -> S2), deixa o sujeito à mercê dos objetos (\$ <- a). Isso indica que todo discurso que é conectado no capitalismo, deixa de lado as coisas da falta, do amor. (LACAN, 1971-1972).

Amar e falta são sinonímias, é sobre o amor que Lacan (1960-61/1992) diz: “amar é dar aquilo que não se tem, a alguém que não o quer” (p.122). Ainda que enigmático, esse axioma lacaniano resulta numa redundância lógica, visto que para amar, o sujeito precisaria reconhecer que há algo em si que falta e que supostamente estaria no outro.

O tema da busca pela felicidade não é novo à psicanálise, em “O mal estar na civilização” (vol. XXI), Freud destaca que nossa própria constituição limita à possibilidade de felicidade, visto que: “ existe algo na natureza da pulsão sexual desfavorável a obtenção da satisfação plena”. Frente a existência que é gravosa, traz dores, desenganos e tarefas insolúveis, para tolerar isso que é próprio da constituição, Freud diz: “Para suportá-las, não podemos prescindir de calmantes” e os situa em três tipos: distrações poderosas que nos fazem valorar um pouco nossa miséria, satisfações substitutivas que a reduzem, e substâncias inebriantes que nos tornam insensíveis a ela. O último grupo se diferencia dos outros, enquanto nos primeiros se busca reduzir a dor de existir, no último há algo do tornar-se insensível aos fatos, a vida.

Frente a condição da felicidade - que é sempre episódica e parcial - uma possível maneira de contornar essa limitação é fazê-la constantemente exigente e imperativa. Fazer do acaso um dever que consiste em obedecer à exigência de gozo superegoico: “Goze!”, algo frequente no contemporâneo, visto que a atualidade, reflexo dos avanços tecnológicos e científicos, além de oferecer um consumo desenfreado, responde a esse imperativo categórico: goze!, que pode ser lido como um empuxo ao gozo - com ou sem o Outro.

Se por um lado, com a ação da linguagem sobre o corpo, da entrada no campo do Outro, perde-se o acesso direto ao gozo e, responder ao imperativo

categorico: goze!, de forma incessante e desenfreada é uma das tentativas de acesso a esse gozo inacessível; por outro, ser falante implica em necessitar do amor – “dar a falta”, entregar aquilo que não se tem...

O gozo é do corpo próprio, o desejo é do sujeito - efeito da articulação significativa resultante da submissão à linguagem. Entre eles, o amor como ponte, como o que faz laço. As tentativas do sujeito contemporâneo em estreitar seus laços com o objeto, retirando da cena o Outro são inúmeras, mas o gozo sem o Outro é devastador e mortífero.

O laço, o amor, se faz necessário para a constituição do sujeito. Enquanto localizado no corpo, o gozo só poderá encontrar o desejo se passar pelo campo do Outro, já que: “O que vem em suplência à relação sexual – que não existe – é precisamente o amor.” (LACAN, 1972-73/1985, p.62), o mesmo amor que permite ao gozo, condescender ao desejo (LACAN 1962-63/2005, p.197).

REREFÊNCIAS

- Holanda, C. B. **Paratodos. Futuros amantes**. 1993.
- Freud, S. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Lacan, J. (1960-1961). **O Seminário, livro 8 - A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- Lacan, J. (1969-1970). **O seminário - Livro 17 – O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Lacan, J. (1972-1973). **O seminário - Livro 20 – Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- Lacan, J. (1971-1972). **O seminário - Livro 19 - Ou pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- Lacan, J. (1974). **“Televisão”. Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

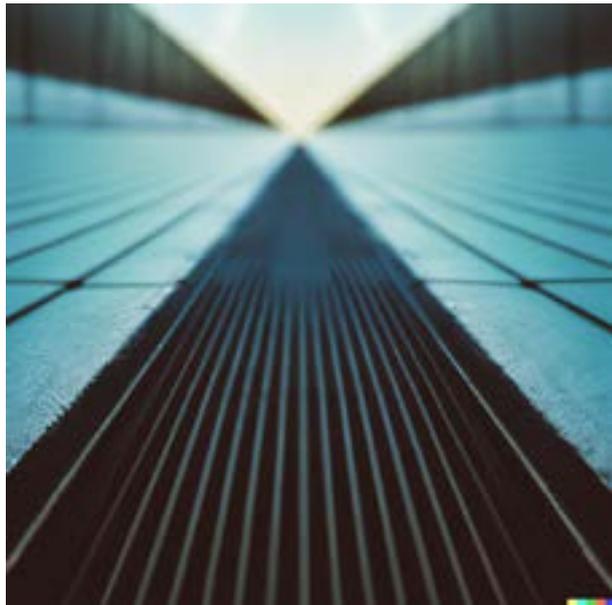
CONTEMPORANEIDADE E SINTOMA OBSESSIVO

Ruth Cavalcanti

Aluna do Curso Regular do Instituto de Psicanálise da Bahia

“Não é certo que a histeria ainda exista. Mas se há uma neurose que ainda existe é a neurose obsessiva” (LACAN, 1979, p. 219-220, apud BARROS, p. 84)

Afinal, por que a neurose obsessiva certamente ainda existe e é chamada neurose do futuro? A hipótese é de que o declínio do Nome-do-pai e do falo como significante do desejo tenham feito com que esse prevaleça como significante do gozo, por meio de imperativos que aparecem nas compulsões, obsessões ou fantasias. Atos automáticos e em série poderiam ser tomados como compulsões, nas quais se alinhariam as toxicomanias, as depressões e os fenômenos de desinserção social, todos marcados por uma mudança na relação com a alteridade e o declínio da função paterna. “O que está em questão não é sua existência, mas a possibilidade de, por um lado, formarem uma unidade clínica, e, por outro, de serem endereçadas aos psicanalistas para tratamento” (Ibid, p. 110-115).



Podemos observar como as obsessões e compulsões ainda se fazem presentes na clínica e nos laços sociais. Sabemos que os sintomas não são desligados da sua época e é interessante observar como a maior prevalência da neurose obsessiva, hoje, é alimentada pelos dispositivos sociais, que funciona-

riam como um estímulo, no sujeito, ao recrudescimento dos sintomas obsessivos, com maior nível de angústia. Isso pode ser observado, por exemplo, nas redes sociais, na constante busca por likes do Instagram, ou na ansiedade por respostas imediatas no Whatsapp.

O neurótico obsessivo tem uma fantasia erotomaníaca de oferecer ao outro uma bela imagem de si (ALVARENGA, 2019, p. 118). Nessa conjuntura, as redes sociais abastecidas por imagens laboriosamente editadas, postadas de forma quase compulsiva, tornam-se uma fonte praticamente inesgotável para a sustentação do sintoma obsessivo.

Como o próprio Freud ressaltou, nos casos de neurose obsessiva, prevalece a onipotência atribuída aos pensamentos, sentimentos e desejos. Onipotência que conflita com a impotência dos impedimentos, dúvidas e proibições que marcam a impossibilidade do desejo para o obsessivo (FREUD, 2013, p. 94-95).

Sérgio de Campos nos mostra como o obsessivo lança mão de diferentes estratégias para se defender, de forma a ocultar o seu desejo e estar sempre pronto para a guerra (CAMPOS, 2015, p. 164). Numa sociedade que estimula a competitividade, busca a super competência, máxima eficiência e grande desempenho, onde todos são observados pelo Big Brother das redes sociais, o obsessivo é levado a aprimorar seus “talentos naturais” e, ao mesmo tempo, se angustia diante dos imperativos que exigem dele sempre uma proeza maior para que se sinta reconhecido.

O momento contemporâneo tem criado uma mentalidade social que parece mimetizar o psiquismo do sujeito no campo da neurose obsessiva, formando uma estrutura que potencializa a culpa e paralisa o desejo. Por outro lado, a aliança entre ciência, tecnologia e capitalismo parece potencializar alguns traços de neurose obsessiva observados, nos nossos dias, pela modificação das relações do sujeito com os objetos de consumo (BARROS, 2012, p. 69).

Atualmente, não concentramos o nosso desejo por muito tempo em um só objeto, mas em uma série, em princípio, infinita de artigos de consumo (BAUMANN, 1999, apud BARROS, p. 70). “Como disse Lacan a respeito da neurose obsessiva, há um predomínio da metonímia, e, em consequência, o sujeito fica impossibilitado de saber que objeto causa o seu desejo” (Ibid, p. 71). “O ideal para o obsessivo é que esse movimento fosse infinito, que nunca houvesse um ponto de parada, pois, enquanto se mantém o deslizamento, não se impõe para ele a questão do seu desejo, que pode se manter impossível” (Ibid, 49).

Direção do tratamento

O sintoma obsessivo é uma tentativa de restituição do falo, de fazer existir a potência. Como tratamento, Elisa Alvarenga sugere que o manejo clínico não leve à restituição desse falo como instrumento do poder, mas a fazer do falo o significativo do desejo e permitir que o sujeito se confronte com a castração, primeiro no campo do outro, depois chegando a subjetivar a sua própria castração. “Só quando o sujeito percebe que não é o falo, é que ele poderá tê-lo ou não tê-lo (ALVARENGA, 2019, p. 52-54).

Diante de um analisante com traços obsessivos, o analista procura perturbar a defesa, possibilitando a histerização do discurso, “para indicar uma modificação na posição do sujeito que lhe permita falar a partir da sua divisão, e não somente, como seria natural no caso das obsessões, das suas defesas” (BARROS, 2012, p. 31). Esta é também a condição para entrada em análise. “A entrada no dispositivo analítico permite sair do funcionamento compulsivo, onde prevalece a posição fálica, ou do funcionamento oblativo, que gira em torno dos objetos oferecidos ao Outro” (ALVARENGA, p. 118). É preciso atravessar a fantasia fálica, a fantasia de completar o outro ou degradá-lo.

O dispositivo analítico parece funcionar para os sujeitos obsessivos somente depois de uma passagem pela transferência negativa, sob a forma de desconfiança ou hostilidade (BARROS, 2012, p. 37). Assim, depois de o analista sobreviver a esse momento, a sua intervenção pode se manter num sentido mais ativo, não só interpretando, mas por meio de atos procurando ‘sacudir’ o sujeito, buscando que ele saia do gozo fálico para um gozo mais flexível, não-todo fálico, e possa lidar com o gozo feminino, na mulher e nele mesmo. O manejo teria o sentido de quebrar a fortaleza fálica, para que o analisante possa sair de uma posição enrijecida e permitir uma maior aproximação do outro. O analista buscaria, assim, levar o analisante a sair da oblatividade, dar o que se tem, para a generosidade, dar o que não se tem (ALVARENGA, 1921).

De modo geral, os sintomas compulsivos atuais se mostram dispersos e recusam, a princípio, o saber que estaria contido na interpretação. Acompanhando Barros, é possível verificar que:

Se antes era a esperança de produzir um saber sobre a causa do seu sofrimento que mobilizava alguém até a análise, agora é o próprio encontro com o analista que tem a função de despertar o saber e fazer com que o sintoma, que se apresenta inicialmente como pura repeti-

ção, produza o seu Outro e de alguma forma permita a construção de um laço social possível (Ibid, p. 115).

Em tempos de novos/velhos sintomas, cabe ao analista ir além da interpretação e ser capaz de suportar este lugar de transferência negativa ou até mesmo inexistente e se oferecer como objeto de amor e ódio ao sujeito que experimenta uma satisfação solitária com o seu sintoma.

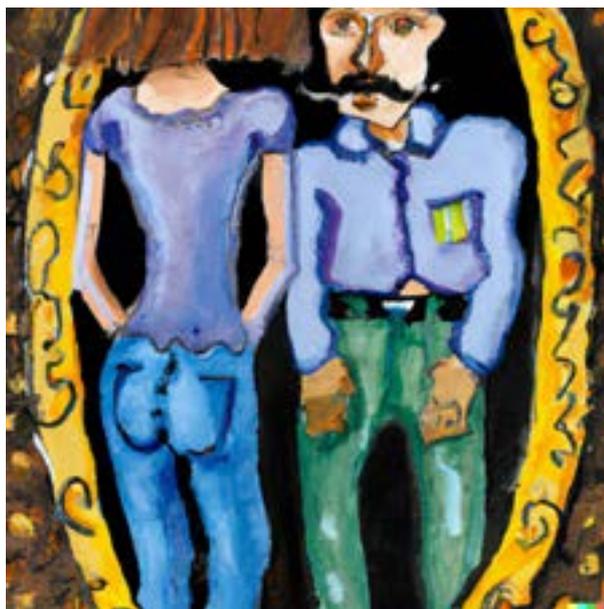
Referências Bibliográficas

- (1) Alvarenga, Elisa. **Neurose obsessiva no feminino**, Belo Horizonte: Relicário, 2019.
Alvarenga, Elisa. Aula proferida aos alunos do Curso Regular do Instituto de Psicanálise da Bahia, em 2021.
- (2) Balmann, Z. Globalização - **As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- (3) Barros, Romildo. **Compulsões e obsessões, uma neurose de futuro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- (4) Campos, Sérgio. **Supereu, das origens aos seus destinos**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.
- (5) Freud, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- (6) Lacan, J: **Lettres de l'École**, nº 25, vol. II, 1979, pag. 219-220

“NÃO CEDER AO PRIMEIRO CONVITE”: DA TENDÊNCIA HOMOSSEXUAL EM SCHREBER¹

Nelson Matheus Silva

Não é raro encontrarmos em Lacan um esforço de conduzir algum pressuposto freudiano mais além daquilo que permitiu ao próprio Freud assimilar no que tange a uma certa questão como parte de um dado mecanismo que se lhe era apresentado. Em outras palavras, já naquilo que Lacan mesmo chama de “primeiro ensino” (1964/1988, p. 24) nos é possível extrair o movimento presente dele de se servir da estrada principal erigida e sedimentada por Freud, para, num trabalho constante, poder ir além dela. Para o encontro de hoje, escolhi trabalhar um tema que perpassa toda a discussão do caso do presidente Schreber, por ser ela a primeira postulação hipotética oferecida pela psicanálise a respeito do qual se daria o mecanismo da paranoia, a saber, uma defesa contra uma tendência homossexual.



Na aula em que Lacan destaca o enunciado proferido por Schreber, “*não ceder ao primeiro convite*” (LACAN, 1955-56/1988, p.318), a um só tempo ele tanto nos adverte que na ideia da tendência homossexual pode ter “ou-

¹ Trabalho apresentado no Núcleo de Psicose associado ao Instituto de Psicanálise da Bahia.

tra coisa” como também põe em evidência a função do *tu* em sua relação com o *eu*, e esse ponto é essencial. Para tanto, cito Lacan, “quanto a saber o que é que é essa homossexualidade, em que ponto da economia do sujeito ela intervém, como ela determina a psicose - creio poder testemunhar que só há de esboçado, neste sentido, encaminhamentos os mais imprecisos, e mesmo os mais opostos” (LACAN, 1955-56/1988, p.41).

Para Freud (1911/2010), o que importava para entender as psicoses não era o sintoma, como nos casos de neurose, mas o mecanismo sobre o qual ela se funda. Na época em que ele destrincha o caso do presidente Schreber - vale ressaltar que Freud se dedicou à investigação de variadas histórias clínicas para concluir sua hipótese -, e apoiado sobre sua teoria do autoerotismo, que diz do percurso da economia libidinal, cujo caminho segue desse primeiro tempo lógico - o autoerotismo - para o amor objetal, Freud vai afirmar que o delírio do sujeito paranoico remete à esta etapa primeira do desenvolvimento libidinal. Em 1911, ele dirá que essa passagem se dá pela saída de uma suposta homossexualidade, marcada por um estágio onde o indivíduo toma a si mesmo, o seu próprio corpo, como objeto de amor, em direção a uma heterossexualidade, onde uma outra pessoa, com genitais distintos, é tomada como objeto de amor. Freud supõe, a grosso modo, que no caso Schreber, a moção pulsional homossexual, então recalcada, retorna de um ponto inassimilável, provocando o desencadeamento do delírio do doente.

O registro imaginário

O que parece notável nessa hipótese, não é a correlação direta que Freud tenta estabelecer entre o fator sexual, da suposição de uma escolha objetal e o retorno daquilo que teria sido recalcado, com a perda da realidade na psicose, mas o ponto para onde o sujeito regride ao ter sua realidade dissolvida. Não passa despercebido para Freud (1914/2010), que para alguns sujeitos essa fase intermediária, chamada de narcisismo, entre o autoerotismo e a escolha de amor objetal, pode fixar uma grande quantidade de libido.

O narcisismo, que corresponde a esse momento de organização da energia libidinal, tem como correlato, se for possível assim dizê-lo, o primeiro tempo do complexo de Édipo. Lacan (1949/1998) formalizou esse tempo da constituição subjetiva a partir de seu esquema do estágio do espelho, como referente à ação psíquica necessária que marcaria a entrada no narcisismo, etapa onde se desenrola a formação do *eu* [je] dada pela assunção jubilatória da imagem de si mesmo e sua posterior simbolização - uma passagem

que se dá da fragmentação das pulsões parciais no corpo tido como despedaçado à unidade do corpo próprio.

O estádio do espelho, para esclarecer de forma breve esse ponto, pode ser dividido em três tempos lógicos. Num primeiro tempo, o sujeito enxerga uma imagem, mas não se vê nela; o segundo tempo é marcado por um transitivismo, ou seja, há uma indeterminação de quem vê e está sendo visto na dimensão especular. É nesse tempo que podemos localizar tanto a relação de reciprocidade que o *eu* estabelece com o *tu* - o outro especular - ao mesmo tempo que se presentifica uma desorientação sobre quem é o *eu* e quem é o *tu*. Se tomarmos como exemplo o próprio desenvolvimento de Freud (1911/2010) a respeito de sua hipótese do caso Schreber, podemos dizer que onde há a evocação do pensamento “eu não o amo”, o “tu me odeias” advém no lugar. Isso, então, dá corpo ao problema que objetivo desenvolver aqui. No terceiro tempo da relação com a imagem, ocorre a entrada do simbólico por meio de um Outro, externo à cena, que surge e aponta o *eu* daquele se vê, e reconhece a imagem refletida no espelho, “sim, é você”.

É através do Outro que nos fazemos reconhecer, por meio do qual antes ele já havia sido reconhecido. O estádio do espelho, com isso, institui não só a formação do *eu*, mas o lugar do Outro como alteridade. Se na psicose Outro é absoluto e advém como perseguidor e gozador, é porque se trata de um outro capturado dentro da dimensão indissociável do próprio *eu*, no registro imaginário. “Jamais houve *tu* em outro lugar do que ali onde se diz *tu*” (LACAN, 1955-56/1988, p.318). O mecanismo da alucinação verbal, como nos ensina Lacan, é majoritário em nos demonstrar que aquilo que o sujeito diz ouvir é a boca dele mesmo que balbucia, tomada como sendo um outro externo à cena. O Outro simbólico é por estrutura uma dialética superposta no plano do imaginário. É somente quando a imagem especular se unifica, onde antes havia um corpo tido como despedaçado, que podemos falar de relação simbólica Mãe-Criança. Tal dialetização não há na psicose.

No caso Schreber, constatamos que há uma fixação da libidido nesse registro do imaginário, como também se evidencia uma diluição de sua imagem narcísica, ao que Lacan chamou de regressão tópica ao estádio do espelho, o que nos é demonstrado quando de sua representação como um “cadáver leproso conduzindo um outro cadáver leproso”. É interessante notar aqui a presença desse duplo especular já presente na entrada da psicose de Schreber.

Enquanto a realidade montada por Schreber se dissolvia em cascata, uma dimensão mais real de sua constituição se apresentava. Como esclarece

Daniel Cena Réido (2017/2019), “en el caso Schreber la caída de la imagen especular, su dilución, da como resultado la aparición de los cadáveres leprosos que desnudan al objeto (a) como desecho (lixo) o carroña (carniça) universal. Revelado el lugar de objeto (a) que ocupa el sujeto psicótico como desecho”.

As soluções delirantes encontradas por Schreber são recursos que ele utiliza para tentar sair desse lugar de dejetos na relação que se estabelece com o Outro. Do “assassinato de almas”, que não lhe resultou nenhum tipo de apaziguamento, o percurso para restabelecer a realidade conduziu o delirante a uma sua solução hiperbólica, não de ser um homem castrado, onde se situaria numa posição feminina, mas de se *feminizar* (Verweiblichung) até se transformar na mulher de Deus, o que culminará em dar existência ali onde a não-existência tem o seu lugar.

Sobre a transferência na paranoia

Nesse ideal delirante, Flechsig assumiu uma posição determinante diante de Schreber, seu paciente. O fato do médico interessar-se pelo que ocorria com seu corpo, para pesquisas científicas, gerava intensa angústia em Schreber, o que nos revela a lógica por onde se deu a transferência nesse caso. Freud (1911/2010) já havia destacado que diante de Flechsig, o paciente aderiu a uma suposta posição feminina, o que estaria vinculado à tendência homossexual recalcada. Porém, como podemos verificar é na condição de objeto a, como dejetos, como objeto gozado, que Schreber se localiza diante de seu médico. O problema com a alteridade invade a transferência e a consolida.

Flechsig é aspirado para o delírio de Schreber assumindo versões variadas e conflitivas dessa miragem narcísica fragmentada a qual o nosso doente regride. “E vemos assim, em toda extensão dessa história, um Flechsig fragmentado, um Flechsig superior, o Flechsig luminoso, e uma parte inferior que chega até a ser fragmentada entre quarenta e sessenta pequenas almas” (LACAN, 1955-56/1988, p. 119).

Nesse lugar onde se deu a transferência de Schreber para com seu médico, há algo que Lacan nos ensina. Numa recaída de Schreber, Flechsig, mesmo sabendo do histórico de seu paciente e das tentativas frustradas de engravidar sua esposa, que tivera abortos espontâneos, “diz a ele que, desde a última vez, fizeram-se enormes progressos em psiquiatria, e que se vai botá-lo num desses soninhos que vai ser bem *fecundo*” (LACAN, 1955-56/1988, p. 356). Lacan alerta que talvez justo isso jamais deveria ter sido dito. Nessa mesma noite Schreber tenta se enforcar.

Benetti (2017), tomando como referência uma articulação entre o primeiro e o último ensino de Lacan, esclarece que a transferência na psicose paranóica deve trabalhar “contra” a metáfora delirante. Isso porque, diante da irrupção de um “*Um-pai* como sem razão” se produz “o efeito de sentido como de forçamento para o campo de um Outro a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido” (LACAN, 1972/2003, p. 466). Nesse campo, como sabemos, o sujeito psicótico, desnudado em sua posição, tende a incluir no delírio aquele ou aquela que para ele se apresenta como esse Outro sem mediação simbólica, um Outro gozador, que é facilmente capturado pela dimensão imaginária sob a qual o psicótico está fixado.

A fragmentação de Flechsig no delírio de Schreber, também nos ensina algo sobre a transferência no que verte sobre a retificação. Se na neurose, a retificação recai sobre o sujeito, na psicose é o Outro que precisa ser retificado. Recordo-me de *I*, uma paciente psicótica, com forte presença de traços paranoicos, que ao chegar em meu consultório costumava pedir para ser anunciada na portaria. A ausência de um secretário que pudesse responder ao chamado do empresarial, fez como combinado que a portaria só entraria em contato em caso de emergência. A insistência da paciente, que queria certificar-se de que o analista estaria disponível para ela naquele horário (vale salientar que ela sempre chegava muito tempo antes do horário de sua sessão), fazia com a porteira do empresarial, constrangida diante do apela frenético da paciente, entrasse em contato diversas vezes.

Numa ocasião, e devido à repetição sucessiva da chamada ao interfone, o analista reitera o acordo feito com a administração do prédio. A porteira, provavelmente nervosa diante da situação, repassa o desconforto do analista à paciente que aguarda uma confirmação. O enunciado da paciente diz dos efeitos apaziguadores que se sucederam após esse evento: “descobri que você é gente também, e fica irritado”. Na manobra transferencial, o analista consente com a interpretação da paciente que falou isso estampando um sorriso como não lhe era de costume.

Para concluir

Nesse sentido, “se Freud depositou tanta ênfase na questão homossexual, foi, primeiro, para demonstrar que ela condiciona a ideia de grandeza no delírio, porém, mais essencialmente, ele denuncia ali o modo de alteridade segundo a qual se efetua a metamorfose do sujeito, ou, em outras palavras, o lugar onde se sucedem suas “transferências” delirantes” (LACAN, 1957-58/1998, p. 551). Em nenhum momento, como podemos acompanhar ao longo da obra

freudiana e nos debates que Lacan levanta ao longo de seu Seminário 3, servindo-se dos pontos levantados pela sra. Ida Malcapine, se trata, em Schreber, de uma homossexualidade como escolha de amor objetal.

No que tange à escolha de objeto e à posição sexual é impossível apontá-las sem levarmos em conta o estádio do espelho e a referência à castração. “A realização da posição sexual no ser humano está ligada, nos diz Freud - e nos diz a experiência - à prova da travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo” (LACAN, 1955-56/1988, p. 208).

Se Freud (1914/2010) insiste que há na escolha de objeto homossexual a predominância do tipo narcísico, seja em sua regressão ou fixação, disso não se extrai nenhum privilégio. O tema da homossexualidade, como é posto no narcismo, só vem a ser esclarecido por Lacan em seu escrito “O aturdido”, em 1972, afirmando ter sido ele o único a ter tentado desfazer tal equívoco. Ao descrever o que seria o próprio estatuto do homem - eu diria, do lado homem -, Lacan o localiza como sendo o do homossexual. “Isto é, com o que até aqui era chamado de homem resumido, que é o protótipo do semelhante” (LACAN, 1972/2003, p. 468). Assim, ainda com Lacan (1972/2003), sabemos que o estatuto do héteros pertence, não à escolha de amor objetal nem às imagens dos caracteres secundários que cada um carrega no corpo, mas à dimensão do gozo.

Se a dissolução imaginária em Schreber revela-nos uma fragilidade, e até um não atravessamento, no que concerne ao estádio do espelho, como falar em escolha de objeto na psicose?

Referências:

BENETTI, Antonio (2017) **Lógica da transferência e psicose**. Site da Seção Bahia da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, novembro de 2020. Disponível em:

<<http://www.ebpbahia.com.br/jornadas/2017/logica-da-transferencia-e-psicose/>> Último acesso em: 2 de setembro de 2022.

FREUD, Sigmund (1911) **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia: O caso Schreber**. In: Obras completas de Sigmund Freud, volume 11. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Editora Cia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1914) **Introdução ao narcisismo**. In: Obras completas de Sigmund Freud, volume 12. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Editora Cia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques (1955-56) **O seminário, livro 3: As psicoses**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1988.

LACAN, Jacques (1957-58) **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**.

In: Escritos. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1964) **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1988.

LACAN, Jacques (1972) **O aturdido**. *In*: Outros escritos. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2003.

REÍDO, Daniel Cena (2017) **Distorsiones y soluciones del narcisismo en la psicosis**. Site da Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano, Barcelona, março de 2019. Disponível em:

<<https://elp.org.es/distorsiones-y-soluciones-del-narcisismo-en-la-psicosis-daniel-cena-reido>>

Último acesso em: 10 de agosto de 2022.

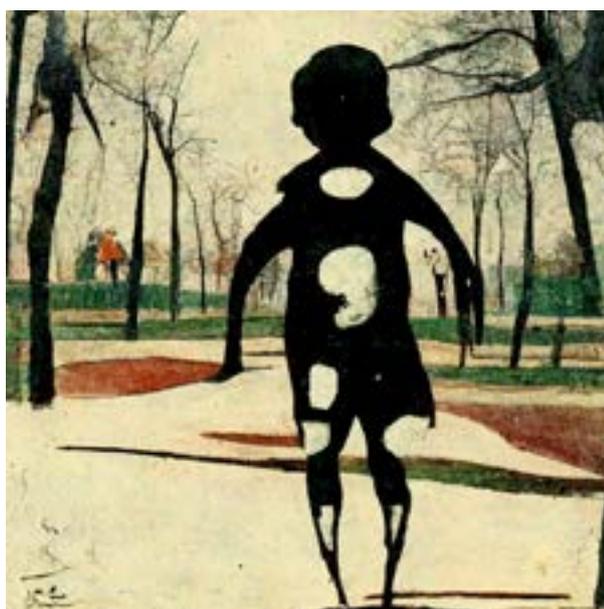
A ESCOLHA PELO SUJEITO NO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Carolina Vieira de Paula

Aluna do curso Teoria Psicanalítica de Orientação Lacaniana (TPOL) da Escola Brasileira de Psicanálise Sessão Bahia (EBP-BA)

É preciso escolher: o sujeito ou a sociedade. E a análise está do lado do sujeito. A análise teve esse poder de fazer com que a sociedade se tornasse mais porosa ao sujeito. Os agentes do discurso do mestre não estão exatamente no tempo desse aggiornamento e se a psicanálise tem uma missão em sua direção é a de aperfeiçoá-los quanto a isso: as normas sociais não terão mais superioridade que a norma singular, um sujeito, tendo alcançado a autenticidade de seu desejo, pode inscrever o contrário com relação à ordem que deveria dominá-lo¹. (MILLER, 2008, pg.20)

No trecho inicial de *Coisas de Fineza* em *Psicanálise* citado acima, Miller nos convida a reafirmar a escolha pelo sujeito ao revés da sociedade e, deste modo, nos impele a usar o dispositivo analítico com o fim de oportunizar a escuta e a leitura da singularidade para além das normas sociais.



¹ MILLER, Jaques Alain. *Coisas de fineza em psicanálise*. Lições I a IV. file:///C:/Users/User/Downloads/jacques-alain-miller-coisas-de-fineza-em-psicanc3a1lise-4.pdf P.18

Sobre o sujeito da psicanálise é preciso esclarecer que não se trata de uma substância individual, sujeito psicológico. Trata-se de um efeito da divisão própria ao funcionamento da linguagem, que é marcada pelo “Sujeito Outro” a quem é suposto o desejo.”² O sujeito de Lacan é, portanto, o sujeito do inconsciente, o sujeito do significante e será necessário distinguí-lo tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto de compreensão.

Contudo, sobre a posição maiúscula do Sujeito na psicanálise, inclusive no diagnóstico de crianças e adolescentes é necessário destacar que:

“há modos distintos de fazer com a linguagem (...) assim, temos crianças que não falam, que não brincam, que não se submetem ou que estão sob efeitos inespecíficos de distúrbios orgânicos; que nos interrogam, forçando-nos a considerar o modo pelo qual o Sujeito, como efeito (e não substância) da linguagem e da fala, (...) está ligado à única substância em jogo na psicanálise: o gozo”. (VOCARO, 2005, p.27)

No presente caso, me sinto convocada, ante ao apelo de Miller, a pensar, à luz da psicanálise e da teoria lacaniana do “tempo lógico”³ prevista no Seminário 11 de Lacan, os diagnósticos da clínica com crianças e adolescentes, levando em conta a advertência de que profissionais de saúde precisariam adiar compreensão e evitar conclusões precoces que passam do instante de ver, o corpo, ao momento de concluir, o agir na realidade. Sem que haja espaço para as elaborações, retroações e ressignificações da cadeia significante características do tempo de compreender.

Para tanto, é preciso considerar a relevância dos dados de realidade que apontam para uma epidemia de diagnósticos de transtornos mentais, especialmente autismos e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), em crianças e adolescentes⁴.

2 VOCARO, Angela (2005) Crianças na psicanálise. Clínica, instituição, laço social. Companhia de Freud. Rio de Janeiro. Pg.22

3 LACAN, J. (1998) O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 42

4 CONASS. Diagnóstico de TDAH em crianças requer cuidado. <https://www.conass.org.br/diagnostico-de-tdah-em-criancas-requer-cuidado/>

E, ainda, torna-se necessário expor a experiência pessoal desta escrevente no atendimento uma paciente que aos dois anos foi levada dormindo ao médico psiquiatra infantil e, ainda desacordada no colo da mãe, foi diagnosticada como hiperativa, com fundamento exclusivamente na fala da genitora, e tendo recebido prescrição de medicação correspondente.

Neste contexto de forclusão do “tempo de compreender⁵” nos diagnósticos de crianças e adolescentes, a singularidade do sujeito é apagada e substituída por um ideal de sucesso desenvolvimentista que “em tese” serviria para todos, torna-se ainda mais relevante aceitar o convite de Miller visto que, nesses casos, urge tornar a sociedade mais porosa ao sujeito.

De início, é preciso destacar que os constructos criança e adolescente, para a psicanálise, são classificações gerais menos relevantes, visto que o foco de nossa práxis e objeto da epistemologia psicanalítica é justo o sujeito e sua singularidade, resto do *cogito* de Descartes que orienta as ciências positivas, tais como a medicina, a psicologia e psicopatologia. Isso porque, em verdade, para a epistemologia da psicanálise, os analisantes são sujeitos atemporais, pois o inconsciente é um só, independentemente da idade, do sexo ou de qualquer outra classificação.

Noutro ponto, é necessário mencionar que, segundo Lacan, a dimensão imaginária da experiência do Outro, seja ele família, escola, profissionais de saúde ou analista, acerca do que é ser uma criança ou adolescente, os deixa surdos ao discurso singular do sujeito. Dessa forma aduz Lacan que: “pela própria estrutura instaurada pela relação do sujeito com o Outro enquanto lugar da fala, algo falta no nível do Outro. O que ali falta é precisamente o que permitiria ao sujeito se identificar com o discurso que ele profere”⁶.

Neste mesmo sentido, vale lembrar que Freud sofreu críticas ao anunciar a existência de uma sexualidade infantil pois tal proposta fugia à dimensão imaginária do que era ser uma criança à época.

Desta feita, a teoria lacaniana propõe o uso do ato analítico fundado na relação transferencial, como meio para oportunizar que, na escuta e na leitura de crianças e adolescentes a singularidade de cada sujeito vá se apresentando, para além da demanda do Outro (pais, família, médico, escola etc)

5 LACAN, J. (1998) O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 205

6 LACAN, Jacques. A dialética do desejo. Fantasia fundamental. PDF TPOL

que aponta para um imaginário dever-ser da infância e da adolescência. Isso porque, segundo Lacan: “o sujeito tem de empregar, para se designar, algo tomado às suas expensas. Não às suas expensas como sujeito constituído na fala, mas às suas expensas como sujeito real”⁷.

Assim, na clínica com crianças e adolescentes, muitas vezes atravessada pelo diálogo com equipes multiprofissionais orientadas por laudos técnicos e diagnósticos médicos e motivada pela demanda do Outro, é relevante a presença do praticante da “psicanálise verdadeira”⁸.

Caberá ao analista, advertido por Miller, a tarefa de reconhecer “os efeitos da linguagem na doença intrínseca do ser humano como ser falante e como ser falado, isto é, como falasser”⁹. e, assim, se ocupar de construir os meios para que a singularidade do caso possa ser acolhida e sirva à reelaboração do saber clínico, implicando o sujeito analisante e preservando “o lugar do desejo na direção o tratamento”¹⁰ de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- CIRINO, O (2001). **Psicanálise e Psiquiatria com crianças. Desenvolvimento ou estrutura.** Autêntica. Belo Horizonte-MG.
- FREUD, S (1905). **Obras Completas, Volume 6, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos.** 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.
- GAULT, J. (1998), **Por uma epistemologia lacaniana.** In: GIROUD, F. et alii. *Lacan, você conhece?* Palestras do Encontro Jacques Lacan. São Paulo, Cultura.
- LACAN, J (1985). **O seminário. Livro 20. Mais, ainda.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J (1998). **“Ciência e verdade”.** IN: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge.
- LACAN, J. (1998) **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- LACAN, J (1998). **Escritos.** A direção do tratamento. Rio de Janeiro.

7 Lacan, J. (2016). A fantasia fundamental. IN: O seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação. (pp. 383 – 400). Rio de Janeiro: Zahar.

8 MILLER, J. A. (2008) Coisas de fineza em psicanálise. Lições I a IV. Opção Lacaniana. file:///C:/Users/User/Downloads/jacques-alain-miller-coisas-de-fineza-em-psicanálise-4.pdf p. 19.

9 Idem p.20

10 LACAN, Jacques. Escritos. A direção do tratamento. P. 634

Jorge Zahar Editor.

LACAN, J (1998). **Escritos**. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. “**O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada (1945)**”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998, p. 197-213.

LACAN, J. (2005) **O seminário. Livro 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Lacan, J. (2016). **A fantasia fundamental**. IN: O seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar.

MILLER, Jaques Alain. (1988) **Sintoma e Fantasia, in Percorso di Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MILLER, Jaques Alain. (2008) **Coisas de fineza em psicanálise. Lições I a IV**. Opção Lacaniana. file:///C:/Users/User/Downloads/jacques-alain-miller-coisas-de-fineza-em-psicanálise-4.pdf

VIEIRA, M. A (2015). **Por uma epistemologia clínica**. IN: Opção Lacaniana Online. <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/MAVEpistem.pdf>

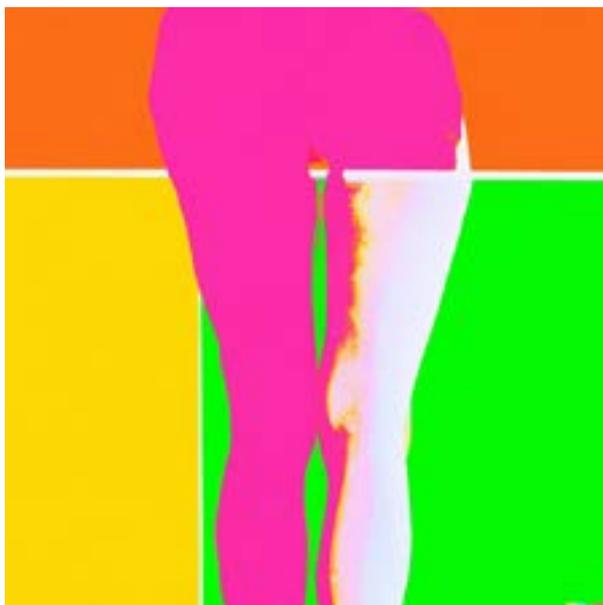
VOCARO, Angela (2005) **Crianças na psicanálise. Clínica, instituição, laço social**. Companhia de Freud. Rio de Janeiro.

BEM DIZER O FEMININO: DO QUE *EX-SISTE* NO CORPO

Delza Eloy de Santana Gonçalves

“O excesso de mim chega a doer
e quando estou excessiva
tenho que dar de mim como o leite
que se não fluir rebenta o seio.”¹

A psicanálise nos convoca a experimentar na carne suas postulações. E é, igualmente, da carne que um saber sobre o humano pode ser extraído e formulado. No entanto, Lacan nos desperta para o que é anterior a qualquer formulação, para o saber de lalangue, que assovia aquém das peripécias da linguagem. Onde fomos afetados, fissurados, e não há conhecimento que liquide esse mal-estar. Nos cabe, então, *savoir-faire* com isso.



O que *ex-siste* no corpo é o êxtimo, neologismo lacaniano para se referir ao que há de mais íntimo e, por outra face, externo, por permanecer fora do campo simbólico. O resto que escapa do banho de linguagem, por isso se conserva estranho (Gonçalves, 2014). Estranho, mas tão familiar que podemos cerni-lo no âmago do ser.

Ao construir a tabela da sexualização, Lacan (1972-3) faz a distinção entre o gozo masculino e o gozo feminino e, ressalva, isso não se restringe ao sexo bio-

lógico: “o homem, uma mulher, não são nada mais que significantes” (p.45). Logo, feminino é um modo de gozo suplementar. Falamos de um mais, ainda, um gozo que se abre ao infinito, além dos contornos precisos do falo. “Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele o que nos coloca na via da ex-sistência? (Lacan, 1972-3, p.82).

Lacan (1972-3) aproxima o feminino e o místico, a dimensão do inefável que escapa à inscrição de um significante que lhe contenha, portanto, ex-siste aos discursos e só pode ser não-todo apreendido, Um a Um. Assim como A mulher, não há significante que a vista toda, tampouco à todas. Nessa perspectiva, Brousse (2019) distingue o real do corpo do corpo enquanto semblante, “a carne humana não tem identidade” (p.27). Podemos dizer de um corpo de fêmea, um corpo capaz de gerar um filho; mas, o corpo da mulher, isso não há signo que o contemple, senão pela via do discurso, e esse, por sua vez, é plural e mutável.

Para seguir, trago trechos de O Leopardo é um animal delicado, de Marina Colasanti (1998), com suas letras enredadas à erótica e ao desencontro próprio dos sexos. Escolho esse conto porque ele nos dá o retrato de um corpo feminino, enquanto discurso, e também anuncia algo do gozo feminino, que pode tomar o corpo de uma mulher. Proponho uma discriminação forçada, haja vista que os três registros – real, simbólico e imaginário - formam um cruzamento indissociável.

Colasanti descreve a cena de uma mulher em seus afazeres domésticos, quando é surpreendida pela chegada de um evento na cidade interiorana onde vive:

“O pensamento deslizou sem ruptura para o seu armário, escolhendo mentalmente a roupa que ia usar, o vestido vermelho de bolinhas, porque tinha um jeito de seda e uma saia godê que lhe acariciaria as coxas quando andasse sobre os saltos altos em meio aos sons e à gente toda” (Colasanti, 1998, p.82).

No fragmento acima, apanhamos traços do feminino em nossa geografia – o vestido, as coxas, o salto alto. “Aproveitou para passar esmalte nas unhas, de pé sob a luz forte do espelho” (Colasanti, 1998, p. 83). Sublinho o fundo misterioso que permeia a narrativa e marca a mulher como aquela que esconde algo por trás do que mostra. O que, apesar da “luz forte”, permanece velado, convoca a interrogação freudiana: o que quer uma mulher? Laurent (2012) discorre sobre o silêncio que se instala nessa questão. Ao que não é descritível

do gozo feminino, resta si-escrever, letra artesanal, inventada, que só se lê sob a “luz forte” da singularidade e, ainda assim, diz não tudo.

O conto desenha a busca da personagem por um encontro sexual, por um deleite que fosse capaz de tirá-la da apatia cotidiana. A apreensão lacanian de um gozo não localizado, que transborda, refere-se a um acontecimento de corpo que pode desaguar tanto em estrago, o que Lacan nomeia devastação, quanto no deslumbramento, como narrado nesse trecho:

“Sentindo que na boca o céu se abria, permitindo que perfumes e sabores lhe invadissem a cabeça. Era fogo sobre a língua. E a língua se inundou para recebê-lo. O fino punhal da pimenta rasgou-lhe o nariz. A cor o aroma a quentura daquela comida deslizaram garganta abaixo abrasando-lhe o corpo” (Colasanti, 1998, p. 85).

Aqui as fronteiras entre dentro e fora tornam-se evanescidas. Com o codinome Leopardo, Colasanti circunda o inominável que ex-siste no gozo da personagem. Tão quanto delicado, o Leopardo é um animal visceral.

“Sentiu as unhas viscosas, olhou os dedos tingidos de vermelho, podia ser sangue, podia ser a luz [...]. Limpou os dedos no vestido, ajeitou os cabelos com as costas da mão. Só então percebeu que tinha esquecido as sandálias” (p.89). O conto é finalizado nesse ponto, e eu também concluo, assinalando que um corpo de mulher goza no eco dos significantes que lhe fazem marca. Mas não só, pois lá antes da palavra fazer significância, há vestígios de uma pulsão que insiste e não cessa de não se escrever. Falamos do real, e “o real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (Lacan, 1972-3, p.140).

Uma mulher pode ex-sistir, tornando-se, fazendo-se, nas sutilezas de seu próprio timbre. “Estou me criando [...] Dói. Mas é dor de parto” (Lispector, 2019, p. 55). Bem dizer o feminino é transformar o silêncio da mudez em intervalos de escansão que possibilitam compor uma canção-corpo, como metaforiza Lacan ao falar do litoral, onde a imensidão do mar encontra alguma borda, não para conter sua potência, mas para possibilitar laços. Feminino é mistério. Ser mulher é invenção.

Referências:

- BROUSSE, M.-H. **Mulheres e Discursos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.
- COLASANTI, M. **O leopardo é um animal delicado**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GONÇALVES, N. In: **Discusión sobre extimidad: seminario itinerante clinico**. Bogotá D.C., 2014.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971-2/2012.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-3/2008.
- LAURENT, E. **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

DEVASTAÇÃO COMO UMA DAS FACES DO TORNAR- SE MULHER: O QUE TEM O SUPEREU FEMININO HAVER COM ISSO?

Cintya de Abreu Vieira

Aluna Curso Regular IPB/Bahia, professora substituta da Universidade Federal do Tocantins

“Nenhum ser humano jamais se desligaria de mim com a mesma angústia com que me desliguei da minha mãe apenas porque nunca consegui me apegar a ela definitivamente” (FERRANTE, 2006, p.50).

“Minha mãe, que havia anos existia apenas como uma obrigação incômoda, às vezes como um tormento, estava morta. Porém, enquanto eu esfregava vigorosamente o rosto, especialmente em torno dos olhos, percebi com uma ternura inesperada que, na verdade, Amalia estava sob minha pele, como um líquido quente que havia sido injetado em mim sabe-se lá quando”. (FERRANTE, 2006, p.65).



Freud, em seu texto de 1933, *A feminilidade*, nos adverte que corresponde a singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é, mas sim pes-

quisar como ela se torna mulher. No longo caminho, que cada mulher é convocada a traçar na construção de sua própria feminilidade, já que se dada no uma a uma, Freud antecipou que a fase pré-edípica tem uma grande importância e que a intensa ligação pré-edípica com a mãe deixa restos na vida de uma mulher.

A relação mãe e filha pode desembocar em uma devastação. A devastação sendo uma das modalidades do supereu feminino, como bem aponta Campos (2015). Ele ainda pontua o fato de a mulher ser não-toda fálica, pois de um lado, ela tem uma porção conexas à significação fálica, ao mundo dos semblantes, ao simbólico e ao imaginário, e, de outro, está ligada ao real, a falta de representação e a falta de significação. E, como diz Miller (2010), nisso as mulheres são mais amigas do real.

As mulheres por estarem do lado direito do quadro da sexuação, proposto por Lacan, no seminário 20, podem experimentar o gozo feminino. Slongo (2012) relaciona a visada ao infinito, absoluto e ilimitado do gozo feminino vinculado a noção de supereu e de pulsão de morte. Situando esse absoluto como aquilo que é sem laço, não depende de nada, incondicional e não respeita nenhum limite. Ela discorre que é esse ponto de infinito e absoluto que afeta o gozo feminino.

Guimarães (2014) falando a respeito da devastação amorosa, indica que a aceleração do gozo erotomaniaco na direção de um impulso incontrolável e devastador denuncia que o imperativo mortífero do supereu se infiltrou muito rapidamente nesse estado de gozo, que é inerente ao feminino. E ela faz uma diferença crucial entre o gozo feminino e o imperativo do supereu. Esclarecendo que o gozo feminino não é devastador, ao contrário, é fundamentalmente vivificante. Contudo, por estar situado no campo do silêncio, distante das palavras, tem uma tendência de sofrer os efeitos da infiltração do supereu. Logo, ao sofrer a intromissão do supereu, o estatuto real do gozo feminino passa a sustentar um imperativo *goza* num caráter mortificante inerente ao supereu, sendo uma vertente mortífera de gozo que se mantém sempre à espera de uma oportunidade para ativar sua imposição.

Sendo assim, vemos que o caráter mortífero do supereu feminino pode se infiltrar no gozo feminino, se apresentando na relação mãe e filha e nas parcerias amorosas de uma mulher, de forma devastadora. Logo, surge uma questão: qual seria a relação entre essas duas modalidades de devastação?

Campos (2014) discorre a respeito, recorrendo ao ensino de Miller, que na devastação, a demanda de amor dirigido à mãe, que se expressa mediante o real fora do simbólico, tem seu caráter potencialmente ilimitado. Logo, mais tarde, quando a filha alcançar sua condição de mulher, vai deslocar o objeto de amor e vai se dirigir ao seu parceiro, reimprimindo a mesma exigência infinita de amor que endereçava a mãe quando criança. E por essa demanda de amor ser infinita, signo da estrutura do não-todo no feminino, ela vai retornar do parceiro da mulher em forma de devastação, como antes retornava. E aí que o parceiro-sintoma se torna parceiro-devastação. Sendo a devastação a outra face do amor.

Vale destacar que a devastação não é o amor em si. Pois, como bem lembra Guimarães (2014), o amor vivifica uma mulher. Porém, torna-se padecimento e devastação, quando o imperativo superegoico se infiltra no excesso de gozo que vivifica o corpo, produzindo nele seus estragos mortificantes. Laurent (2012) diferencia o supereu feminino do supereu universal, cita que Lacan operou uma revolução ética na psicanálise ao dizer que o supereu é perigoso não pelo fato de ele proibir, mas porque ele empuxa ao crime, ele empuxa a gozar.

Como Slongo (2010) assinala que Miller, no livro *Elucidación de Lacan*, ao se referir ao supereu feminino é radical:

“não há mais seres do dever do que as mulheres! Elas podem se converter num supereu que exige, exige, indefinidamente até o infinito. Trata-se de um apelo ao Outro, uma exigência ao Todo que repousa sobre o sentimento de não ser nada. E conclui que, O sentimento de não ser nada sempre esconde um delírio de grandeza de que o Outro o é todo” (p. 139).

O amor sem limites dirigido da filha para mãe que volta para ela como devastação, busca uma resposta para a questão feminina: Afinal, o que é ser mulher? A filha dirige a demanda para mãe para receber um significante que dê conta do ser da mulher. E aí, ela se devasta. Pois, a mãe não oferece esse significante, não porque não quer, mas porque não tem, ele não existe. Quando a filha crê que a mulher existe e busca a resposta para isso na mãe, ela cai do lugar de objeto precioso para dejetivo e se devasta. O que também pode acontecer quando ama sem limites a um homem. Enfim, a devastação ocorre quando o supereu ama, com seu amor paradoxal, com seu amor louco, como salienta Campos (2015).

No processo de tornar-se mulher, sendo um processo que se inicia e nunca termina, já que em diferentes momentos da vida de uma mulher, ela pode se deparar com questões da própria feminilidade, nesse processo pode haver a devastação. Pois, em algum desses momentos ela pode buscar a resposta para feminilidade na crença do semblante, ao invés de se servir dele para inventar a própria feminilidade, ela pode cair no engodo que A mulher existe. E como já nos advertiu Lacan, no seminário 20, isso é uma falácia, pois cada mulher há que inventar modos de fazer com seu gozo feminino e de usar os semblantes.

Freud (1933/2018) já havia falado na conferência de 33: “Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e mais bem articuladas” (p. 341).

A literatura oferece facetas das questões da feminilidade. Como a narrativa da autora, Elena Ferrante, no livro *Um Amor incômodo* (2017). Onde retrata a relação de Delia com sua mãe, Amalia. Delia, narra a história em primeira pessoa, a partir da morte de sua mãe e, mostra a intensidade dessa relação que ultrapassa a força da morte e pode ser tão invasiva e voraz como as ondas do mar. A relação delas parece ser um fluído que com muita facilidade se mescla, tornando difícil identificar onde começa uma e onde termina a outra.

Zalcborg (2007) diz que mãe e filha devem estar dispostas a fazer o luto do que, elas representam uma para outra, no que diz respeito a feminilidade, e que as manteve tão ligadas ao longo dos anos. Logo, essa perda permite que mãe e filha tenham acesso a seu próprio corpo e a seu próprio gozo, envoltos em uma pele própria a cada uma. Pois, as mulheres não fazem parte de um todo, da universalidade. Ela ainda ressalta que uma verdadeira separação de corpos e de sexualidade, ou seja, duas mulheres, o que genuinamente aproxima mãe e filha.

Percebe-se que, Delia confunde, em vários momentos da narrativa, seu corpo com o da sua mãe, através dos traços, das roupas, na forma de cuidar e de se ver. E na medida, que ela pode traçar algo de uma separação dela em relação a sua mãe, paradoxalmente, ela pode se aproximar dela de outra forma. Ainda que sua mãe estivesse morta, mas ela vai acomodando suas memórias a respeito dela. E pode reconhecer o que há da mãe nela, mas sobretudo sua própria diferença radical como mulher.

Diante do que foi discorrido até aqui, fica uma questão: o que cada mulher pode fazer com os restos da relação mãe e filha, que não seja, necessariamente do campo da devastação?

REFERÊNCIAS

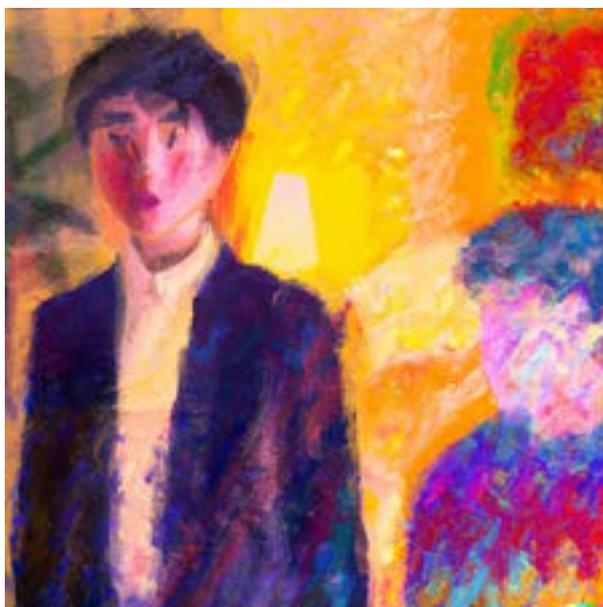
- CAMPOS, S. **Supereu: das origens aos seus destinos**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.
- FERRANTE, Elena. **Um amor incômodo**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017.
- FREUD, Sigmund. **A feminilidade**. In: Edição Autêntica das obras incompletas de Sigmund Freud. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Autêntica editora, 2018.
- GUIMARÃES, Leda. **Gozos da mulher**. Petrópolis. KBR, 2014.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro. Zahar, 1985.
- LAURENT, E. **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- MILLER, Jacques-Alain. Opção lacaniana online. **Mulheres e Semblantes I. V. n.** Março, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_I.pdf
- SLONGO, Cleudes Maria. Arteira. **As afinidades entre o gozo feminino e o supereu**. Outubro, 2010. Disponível em: <http://revistaarteira.com.br/images/pdf/Arteira-3.pdf>
- SLONGO, Cleudes Maria. Opção lacaniana online. **Amor atravessado pela pulsão de morte**. Julho, 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/amor_atravessado.pdf
- ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. São Paulo. Elsevier, 2007.

O GÊNERO NÃO-BINÁRIO E O OUTRO

Giovana Reis Mesquita

Associada do Instituto de Psicanálise da Bahia

As questões atuais sobre gênero e, mais especificamente, sobre o “trans” interrogam, segundo Vieira¹, a prática e teoria da Psicanálise bem como o momento da civilização. E é por essa via que queremos abordar o tema: que momento é esse que produz tal relação com o corpo, com o outro e com o gênero.



Ao falar em população trans, nos referimos ao que Maleval² define como pessoas que se opõem à concepção binária do sexo e trabalham para ter e operar uma imagem condizente com essa concepção. Os chamados não-binários estariam, acrescenta Maleval³, movidos por um desejo diferente daquele da transexualização. E do que pode se tratar esse desejo é o que procuraremos explorar aqui.

Não parece que o fenômeno não-binário seja exclusivo de nossa época. Há relatos, por exemplo, de povos na Polinésia e na América Latina na Antiguidade que tinham xamãs que não se identificavam com o sexo masculino e

1 Vieira, M. A. El analista y las nuevas sexualidades. Conferência proferida em atividade online realizada pela NEL-Cali em 23/06/2021.

2 Maleval, J-C. Le transsexualisme objeté au transgénérisme. Séminaire des échanges. ACF em Midi-Pyrénées, 21/mai/2021.

3 Ibid.

nem feminino; deuses cultuados também⁴. Mas nos interessa o não-binarismo na subjetividade atual, relacionado ao regime capitalista atual e à queda do falocentrismo.

Parece que o que movimenta a sociedade é sempre o embate que se dá entre o Outro e o gozo do um, como postulou Freud⁵ no “Mal-estar na civilização”. No caso do sujeito contemporâneo, está marcado, como destaca Barros⁶, por uma ausência de referência ao outro simbólico implicando no surgimento de identificações imaginárias mutáveis e em um empuxo ao gozo. Não se está mais orientado pelos ideais, mas sim, pelo supereu. O mundo sem lei, de falo esmaecido; é o discurso capitalista com seu poder acéfalo, distribuído, horizontalizado, onde tudo é possível, sem exceção.

Onde existia uma diferença organizadora de leis de aliança e de parentesco, institui-se a equivalência⁷. A lógica da inexistência da exceção traz a diversidade sexual não normatizada de forma binária⁸. O mandato é da não diferenciação, da não virilidade, do não-outro.

Podemos pensar que o não-binarismo, como resultado dessa época, é como uma recusa à perda de gozo. Não se quer perder nada; se é completo. O termo sugere o apagamento de qualquer diferença, e, com isso, apaga-se o outro também. Quanto mais gozo, menos Outro, no xadrez da civilização.

O discurso atual de gênero não passa pela castração, é sem limite. E como sexo é um dos nomes da castração⁹, parece ter sido excluído dele. Há uma negação da alteridade sexual, inclusive no próprio corpo. Negação do *êxtimo* em si, daquilo que pode causar horror¹⁰.

4 Campuzano, G. Recuperação das Histórias Travestis. In: Questões de Sexualidade: ensaios transculturais, pp. 81-91. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

5 Freud, S. O Mal-estar na Civilização. In: Freud, S., O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

6 Barros, R. Novos sintomas, ainda o mal-estar. Lacan XXI, Vol. 2, 2021.

7 Dafunchio, N. S. A sexualidade em questão. Curso breve proferido em atividade online do Instituto de Psicanálise da Bahia em 11/06/2021.

8 Bassols, M. La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente. Olivos: Gama Ediciones, 2021.

9 Dafunchio, Op. cit.

10 Leduc, C. Entrevista para o XXIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, março 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYp2BXWDHLc>

Mas o significante não conhece outra lei que não seja de organizar diferenças¹¹. O sexo é um significante que nomeia uma divisão e vai irromper sempre para perturbar a ordem dos gêneros.

Essa divisão leva o sujeito a adoção de uma identidade sexual que implica a referência ao Outro sexo e, ao mesmo tempo, ao sexo do outro¹². Se a identidade é um conjunto, precisa haver o que não pertence ao conjunto, o outro, que dá consistência a ele. Não parece ser possível abrir mão de todo e qualquer binarismo quando se fala em sexual; quando se fala.

No nível do inconsciente, não há um outro sexo; opera a fórmula da sexualização. Lacan demonstra que o significante que está em jogo é o do gozo e que o sexual não pode ser resolvido em termos de identificações¹³. A pulsão sexual não é binária.

Entretanto, falar de gênero não-binário não aponta para o gozo do um. O não-binário pode ser lido como uma expulsão da relação com o outro no próprio corpo. Como resultado disso, os sujeitos têm dificuldade de encarar sua própria castração. O amor fica em xeque, há dificuldade de se enlaçar ao outro e de ir em direção ao desejo. A libido pode ficar restrita ao próprio corpo, levando o sujeito a uma vivência mais infantil da sua sexualidade, atrelada a um narcisismo inicial.

O discurso trans não deixa de ser uma resposta a mais ao mal-estar geral em relação à sexualidade¹⁴. Mesmo podendo estar sujeito a um efeito de massa, tem uma importância política e cultural no sentido de questionar outros padrões identitários opressores. Pode funcionar como uma possibilidade de mais liberdade e autenticidade para o sujeito.

Mas quando o discurso trans está a serviço do discurso capitalista, a uma negação do Outro, aí não parece capaz de trazer maior equilíbrio subjetivo. Uma não conformidade ao gênero, ao corpo, é algo, em alguma medida, atravessado por todos. Mas resolver isso a partir de uma nomeação talvez não seja a melhor forma de enfrentar a questão, ou melhor, talvez seja uma resolução pela metade.

11 Ibid.

12 Berenguer, E. Sexualização: a não-identidade do sexo. In *Feminino infamiliar: dizer o indizível*, M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.), p. 170-184. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

13 Ibid.

14 Mozzi, V. Lo trans, una respuesta más. In *Acontecimiento, ¿El psicoanálisis cambia? ¿qué es lo nuevo?*, Colección Orientación Lacaniana. Buenos Aires: Editorial Grama, 2020.

É como se o gênero não-binário tentasse resolver o confronto com o sexo, sem deixar furo, como se pudéssemos negar a existência de uma falta estrutural. Fica-se com uma resposta pela via imaginária, por uma cadeia metonímica sem fim, colada ao objeto a, ao desejo materno, sem apresentar, ao que parece, um apaziguamento em relação ao corpo e ao gozo.

No campo da psicose, a falta do Nome-do-Pai para regular o gozo produz o incessante deslocamento metonímico que tem como um de seus resultados o empuxo à mulher. No fenômeno do gênero não-binário, por semelhança à solução metonímica, vemos o empuxo ao gozo, que nesse caso se manifesta na negação ao Outro do sexo, à negação da falta.

Uma solução metafórica, por sua vez, poderia permitir ao sujeito a possibilidade de se sustentar na sua própria exceção em relação à regra geral, de saber fazer aí, encarando a castração e a inconsistência dos ideais.

As novas definições de gênero multiplicam as possibilidades para o eu, a sua performance, mas o encontro com o corpo, com sexo, com o amor, continua sendo um desafio, que não parece possível sem o outro. A assimetria sempre está em jogo. O sexo é sempre um outro.

Referências

- Barros, R. **Novos sintomas, ainda o mal-estar**. Lacan XXI, Vol. 2, 2021.
- Bassols, M. **La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente**. Olivos: Gama Ediciones, 2021.
- Berenguer, E. **Sexuação: a não-identidade do sexo**. In **Feminino infamiliar: dizer o indizível**, M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.), p. 170-184. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Campuzano, G. **Recuperação das Histórias Travestis**. In: **Questões de Sexualidade: ensaios transculturais**, pp. 81-91. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.
- Dafunchio, N. S. **A sexualidade em questão**. Curso breve proferido em atividade online do Instituto de Psicanálise da Bahia em 11/06/2021.
- Freud, S. **O Mal-estar na Civilização**. In: Freud, S., **O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.
- Leduc, C. **Entrevista para o XXIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano**, março 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYp2BXWDHLc>
- Maleval, J.-C. **Le transsexualisme objeté au transgénérisme. Séminaire des échanges**. ACF em Midi-Pyrénées, 21/mai/2021.
- Mozzi, V. **Lo trans, una respuesta más**. In **Acontecimiento, ¿El psicoanálisis cambia? ¿qué es lo nuevo?**, Colección Orientación Lacaniana. Buenos Aires: Editorial Grama, 2020.
- Vieira, M. A. **El analista y las nuevas sexualidades**. Conferência proferida em atividade online realizada pela NEL-Cali em 23/06/2021.

INTERCÂMBIO

RACISMO: UMA HISTÓRIA BRASILEIRA

Renata Mendonça

Psicanalista, responsável pelo Ateliê Psicanálise e Segregação do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de MG, pesquisadora do Coletivo Ocupação Psicanalítica do PSILACS-UFMG.

“ Assim, o inconsciente tem a ver com se produz a partir ‘do laço social’. Sendo o inconsciente aquilo com que um analista tem sempre a ver, o analista e a psicanálise têm a ver com o laço social, aquilo que faz o laço com o Outro e com os outros, aquilo que o coloca frente a frente com a cidade e com a subjetividade de sua época”. (Guardado. p. 21)

O Brasil nasce, quando essa terra foi invadida, com a escravidão dos povos, dos povos originários, os indígenas, e a posteriori com a vinda do povo negro, do continente africano em navios negreiros. Assim, nosso país nasce marcado pela segregação, pelo racismo.

Assistimos, historicamente, toda uma construção que passa pela violência racial e a degradação dos povos indígenas e negros. Uma violência que persiste até a atualidade. Teria alguma consequência nascer mergulhado neste discurso?



Podemos afirmar que a raça “não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, uma constru-

ção fantasmática ou uma projeção ideológica, cuja função é desviar a atenção de conflitos considerados, sob outro ponto de vista, como mais genuínos”. (MBEMBE 2013/2018 p. 28). Dizendo-nos que essa invenção tem uma função, inclusive capitalista, pois, mercantiliza os corpos e, Santiago também reafirma: “as raças constituem um mito criado por diversas manifestações de discursos dominantes”.(SANTIAGO 2021) Assim, o racismo liga o preconceito ao poder, uma dominação dos corpos, objetalizando-os, fazendo de pessoas “criados mudos”

Os negros e indígenas desde a escravização de seus corpos e da tentativa constante do colonizador de apagar as suas histórias, lutam para viverem uma vida mais digna, pois, a partir da parceria entre Estado, Religião e Ciência foram considerados inferiores, incivilizados, sem alma e por isso tiveram seus corpos vendidos e mortos, pois, esse corpo não era um corpo humano.

Vemos, durante este período, até a atualidade, novas construções sobre as questões raciais, mas, o racismo chamado estrutural por Silvio Almeida e o que ele significa ainda permanece presente no país. O que a psicanálise pode contribuir em relação a essa questão?

Há dois anos o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais incluiu o Ateliê de Pesquisa em Psicanálise e Segregação² em sua agenda. Esse Ateliê nasce de um Cartel, mas, também se mantém a partir de uma pergunta: o que a psicanálise pode dizer sobre isso?

Essa pesquisa faz com que nos debrucemos sobre as questões da raça e as consequências do racismo estrutural sobre os sujeitos negros e brancos. Possibilita a leitura e releitura de alguns escritores esquecidos como Frantz Fanon, Lélia Gonzales e Neusa Santos Souza.

Esse trabalho é fundamental, pois, podemos afirmar que o inconsciente não ficou ileso, protegido do racismo estrutural vivido desde sempre em nosso país. Um racismo a brasileira, pois, é um racismo que não foi institucionalizado como em outros países, assim, esse racismo não oficializado só perpetua e garante “a manutenção da lógica de construção social, na qual a negação do

1 Criado-mudo: aquele móvel baixo que normalmente fica na cabeceira da cama tem esse nome porque, na época da escravidão, os escravos ficavam nesse mesmo lugar segurando as coisas para os “senhores” – sem fazer barulho para não atrapalhar. <https://avozdaserra.com.br/noticias/historia-por-tras-do-criado-mudo#:~:text=Tal%20termo%20era%20utilizado%20para,fazer%20barulho%20para%20n%C3%A3o%20atrapalhar.>

2 Coordenado por Henri Kaufmanner com a responsabilidade de Cristiane Ribeiro, Elaine Silva, Gabriela Ferreira, Marcela Fernandes, Paulina e Renata Mendonça.

racismo estrutural produz dispositivos cada vez mais sofisticados de opressão, violência e extermínio” (Ribeiro, 2022 p. 19), exacerbados nos dias de hoje em que vemos um crescimento constante do fascismo e da extrema direita em nosso país e no mundo.

É necessário lermos como cada civilização se constituiu para também, assim, ler o inconsciente daqueles que vivem e nasceram nesta civilização e, no caso do Brasil, essa construção social é feita com o racismo. Podemos afirmar que, como nos ensina Laurent, que há “uma comunidade de interesses entre o discurso psicanalítico e a democracia” (LAURENT 1999/2011 p.08) e que o psicanalista não deve ficar a serviço da desidentificação, ser “especialista da desidentificação”, mas, que deve incluir os laços e a cidade, ser um analisado cidadão, já que, a psicanálise trata das diversas formas de segregação.

A psicanálise trabalha contra os modos totalitários, fascistas e trata, lê as diversas segregações, ela se interessa por aquilo que pode ser extraído no um a um e, sabe que o gozo é singular. Para o colonizador o gozo precisa ser igual para todos. Com isso, a raça branca traz para os povos colonizados o seu modo de gozar e, em parceria com o Estado, a Religião e a Ciência definem o melhor modo de gozo, o civilizado, o desenvolvido e mais próximo de um Deus único. Em que o outro gozo é tratado como estrangeiro ou incivilizado. A psicanálise se interessa pela diversidade!

Para a psicanálise há na lógica colonizadora uma tentativa de fazer existir o gozo único, igual para todos, pois, “só sabemos rejeitar o gozo do Outro” Laurent (2014). Não é desenvolvimento é a normatização dos corpos. No texto “Racismo 2.0” Laurent (2014) apresenta a perspectiva de Lacan, ele diz:

“(…) Lacan denuncia o duplo movimento do colonialismo e da vontade de normalizar o gozo daquele que é deslocado, emigrado em nome de um dito «bem dele». «Deixar esse Outro entregue a seu modo de gozo, eis o que só seria possível não lhe impondo o nosso, não o tomando por subdesenvolvido” (Laurent, 2014).

A sociedade brasileira tem seu modo de vida, seus laços sociais e seu modo de existir sustentado pelo racismo estrutural, as implicações do racismo naturalizam os modos como os corpos vivem, naturalizam a segregação e a violência sobre os corpos negros e indígenas e, as estratégias criadas para que o racismo estrutural se mantenha são extremamente complexas.

Para Miller a ciência está implicada com o racismo na atualidade, não é mais uma implicação da época da colonização, em parceria com a religião, que lê os escravizados como sem alma, selvagens, agressivos, mais próximos dos animais, hoje, para Miller, as implicações, da ciência, são outras “a ciência enquanto universal que visa obter uma uniformização, e especialmente uma uniformização do gozo” (Miller 2016). Quando o Outro goza de outra maneira é um escândalo, isso que é insuportável, ela, a ciência, chama para o irracional. Para ele é um racismo moderno, que é da época da ciência e da psicanálise. Uma ciência que universaliza os sujeitos.

Para Lacan o homem precipita-se em se nomear homem com medo de não ser homem, Miller também afirma que é necessário se chamar de desenvolvido com medo de ser subdesenvolvido, podemos afirmar que há, então, a partir da “ficção útil da raça”, uma definição, mais complexa ou com novas estratégias, de quem é humano e de quem não é humano, quem pode morrer, ter os corpos escravizados, ou quem é belo, desenvolvido e quem não o é.

Essa definição se deu a partir da ideia que o Branco não é uma cor, não é uma raça, mas, ele é invisibilidade, pois, ele é o humano. O Ideal de Eu, o humano, é branco. Assim vemos um país, após a chamada abolição, com seu Estado e Ciência incluírem privilégios para a emigração da raça branca, para que com a miscigenação construísse um país mais civilizado, com a branquitude e a mistura das raças, inventando a mentira da democracia racial brasileira.

Com todos esses detalhes e outros que não colocamos aqui podemos afirmar que a psicanálise deve e pode incluir as questões raciais como uma pergunta sobre os corpos, a clínica e o inconsciente, para estar à altura da subjetividade de sua época e para se manter ética diante da questão que nos provoca sempre: o Inconsciente é a política.

Referências:

- Almeida, Silvio. (2019) **Racismo Estrutural** In: Feminismos Plurais: Coordenação Djamilia Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen.
- Brousse, Marie-Hélène. (2018) **O inconsciente é a política**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Lacan, Jacques. (1966/1998) **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma** In: Escritos Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998, p.197 – 213.
- Laurent, Eric. (2014) **Racismo 2.0** Lacan Cotidiano 371 <http://ampblog2006.blogspot.com/2014/02/>

lacan-cotidiano-n-371-portugues.html Acesso 30/09/2022

Laurent, Eric. (1999/2011) **O Analista cidadão**. Revista Curinga 13. https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf Acesso 30/10/2022

Mbembe, Achille. (2013/2018) **Crítica da razão negra** São Paulo: N-1 edições, 2018.

Miller, Jacques-Alain. (2016/2022) **Racismo e extimidade**. Revista Derivas analíticas – Revista digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG Número 17 ano 2022. http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/accordion-a-2/o-entredois-ou-o-espaco-do-sujeito#_edn2. Acesso 30/09/2022

Ribeiro, Cristiane. (2022) **Tornar-se negro: Devir sujeito** Belo Horizonte, 2022.

Santiago, Jésus. (2021) **Racismos: Apenas existem raças de discursos** Revista Derivas analíticas – Revista digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG Número 17 ano 2022 <http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/racismo-discursos> Acesso 30/09/2022

Schucman, Lia Vainer. (2014) **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2020.

A PRÁTICA FEITA POR MUITOS: A EXPERIÊNCIA EM UM HOSPITAL-DIA DE ADOLESCENTES EM AUBERVILLIERS / FRANÇA

Carla Almeida Capanema

Psicanalista e Pós-Doutora em Estudos Psicanalíticos (UFMG)

Este texto abordará a experiência vivenciada no campo de um estágio Pós-Doutoral realizado no *Hôpital de Jour Clos Bénard – Unité adolescents* na cidade de Aubervilliers/França no ano de 2020, em um serviço de referência no atendimento a adolescentes psicóticos e autistas e que faz parte da Rede Internacional do Campo Freudiano R13, composta de Instituições que abordam o trabalho sobre o princípio: “*a cada criança, uma instituição*”.



Segundo Yves-Claude Stavy (2001), a Unidade para Adolescentes do Hospital de Aubervilliers, criada nos anos 90, tinha em seu início influências da psicoterapia institucional. As equipes apostavam na diversidade de *ateliers*, propondo uma alternativa à clínica psiquiátrica tradicional. Mas diante do real da clínica a angústia ganhava espaço nesta unidade, até que alguns profissionais decidiram fazer a escolha de se orientarem em sua prática cotidiana pela psicanálise de Freud a Lacan. Como uma onda, alguma coisa do desejo singular se propagou, deixando entrever que cernir o insuportável de cada caso tinha um efeito vivificante, não somente para o sujeito, mas também para a equipe. E que essa experiência implicava num risco e em um en-

gajamento lado a lado daqueles que, muitas vezes, são deixados à distância. Desde então, a unidade para adolescentes se tornou uma referência nacional e internacional no trabalho com sujeitos autistas e psicóticos ancorado por um projeto clínico.

“Permanecer dócil às exigências do caso”

De acordo com Yves-Claude Stavy (2003) J-A Miller encontrou um termo que, rapidamente, alcançou um grande sucesso: *“a prática feita por muitos”*¹, a fim de fazer valer a prática orientada pela psicanálise nas instituições membros do R13. Essa *“prática feita por muitos”* não deve ser confundida com um *“autismo feito por muitos”*, mesmo que o projeto clínico de uma instituição consista, sobretudo, em tentar esquecer a instituição em consideração ao caso. Aqueles que intervêm em uma instituição devem estar prontos a acolher as invenções de cada sujeito, *“mas não se trata de apoiar; não importa o que, não importa como”* (p. 1). Há uma regra necessária: não se diz sim a tudo, mas somente ao que pode vir a *capitonear* um momento da história do adolescente. Assim, o lugar essencial do dispositivo institucional passa a ser a reunião clínica.

Apostar no sujeito não consiste, de modo algum, a opor sintoma e estrutura, mas a subordinar as questões de estrutura às questões do sintoma. Para se permanecer dócil às exigências do caso, às exigências subjetivas dos adolescentes atendidos em Aubervilliers, é necessário como nos ensina Di Ciacca: *“comutar seu funcionamento não a partir das exigências dos especialistas, mas a partir das exigências do sujeito na sua relação ao campo da palavra e da linguagem”* (Stavy, 2003 apud Di Ciacca, 1999, p. 5).

O projeto clínico

Existem três eixos principais no projeto clínico do Hospital-dia para adolescentes de Aubervilliers: a Secretaria de Acolhimento, a Vida na Instituição e os *Ateliers*. Todo o trabalho tem como ponto de sustentação a aposta no cálculo das intervenções, no caso a caso, durante as reuniões clínicas.

a) A Secretaria de Acolhimento

A constituição de um acolhimento decidido pode favorecer um encontro original de cada adolescente com o serviço desde sua chegada. O comitê de

¹ Este termo foi proposto por ocasião da abertura da III Jornada da Rede Internacional de Instituições Infantis (RI3) realizada em 1 e 2 de fevereiro de 1997 na Antenne 110 em Bruxelas – Bélgica.

acolhimento é constituído de um adolescente (que tenha uma questão com a ética da instituição) e um educador. Essa função é permutativa de 6 em 6 meses. Seu papel é apresentar a instituição ao adolescente que acaba de chegar, seus lugares, as atividades que são organizadas, os responsáveis pelas atividades.

Esse acolhimento tem como objetivo propiciar que cada adolescente possa encontrar ou inventar uma atividade dentro do serviço. As atividades não têm o propósito de que o adolescente possa “falar de si” ou de “enganar o tédio”, mas de fazer com que cada adolescente faça de seu sintoma uma chave para entrar no coletivo.

Mas a decisão em participar dos *ateliers* deve ser ela mesma uma contingência, não devendo ser banalizada. A participação do adolescente na vida institucional não é um imperativo e tal decisão deve ser endereçada pelo adolescente ao responsável pelo *atelier*, apresentando o seu argumento. O responsável pelo *atelier* - uma espécie de passador - assume um papel de acusar recepção da demanda e transmitir para a equipe técnica, que discutirá nas reuniões clínicas a inclusão ou não do adolescente em determinada atividade, levando-se em conta a seguinte questão: o pedido do adolescente pode ou não contribuir para uma invenção de um saber fazer com a dificuldade encontrada.

b) A Vida na Instituição

As ocasiões de participação no cotidiano da instituição não faltam: o ato de se colocar e tirar à mesa durante as refeições, a confecção do menu do dia seguinte, não deixar o lugar insalubre ao fim do dia. Um mural também é constantemente utilizado por todos - adolescentes e técnicos - para o planejamento do dia, oficinas, cardápio, presenças e ausências, biblioteca, eventos na instituição e no mundo, etc. Ao redor dessas pequenas atividades se aposta na contingência, para que o adolescente possa se inscrever em um laço social, mas não sem que ele possa se deparar com a complexidade das tarefas que se deve passar para se obter o que deseja.

c) Os “Ateliers”

Numerosos na origem da Unidade-dia para adolescentes, os *ateliers* hoje ocupam um outro lugar. Eles são constituídos por atividades propícias para que um adolescente “faça algo com seu sintoma”, onde o sujeito terá a chance de encontrar um lugar onde possa elaborar um objeto, onde possa

investir em um saber. Os *ateliers* podem ser propostos por qualquer membro da equipe e todas as propostas são discutidas nas reuniões clínicas.

As Reuniões Clínicas como ponto nodal

Estas reuniões não são apenas tempos de transmissões, onde cada um testemunha sua aposta no caso. Mas segundo Stavy (2003), citando Alexandre Stevens (1998, p. 11), elas devem permitir aos técnicos precisar o cálculo de suas intervenções no caso a caso, ou seja, dar todo valor para o “*point de capiton*” encontrado por um adolescente. Pode-se sustentar uma invenção deste jovem ou, ao contrário, considerá-la como algo não favorável ao caso, ou ainda, limitar o seu escopo. Esses cálculos retornam para toda a equipe, que em seguida os coloca em ação junto aos adolescentes por eles assistidos.

Em função do Projeto Clínico Institucional são realizadas quatro tipos de reuniões clínicas com a finalidade de se fazer valer a “*prática feita por muitos*”.

- Reuniões cotidianas: acontecem no fim de cada dia de atendimento, permitindo a cada membro da equipe transmitir um ponto de impasse e, também, de avanço em encontros pessoais com um adolescente. Ele permite, assim, colocar em ato “o lugar que ocupa a instituição para cada sujeito e a resposta a ser fornecida” (STAVY, 2003, p.7).

- Reuniões semanais: a partir das reuniões cotidianas, um educador apresenta o seu trabalho ao redor de um caso a cada semana. Os outros educadores, em seguida, apresentam suas próprias impressões. Então se desenvolve um debate onde se decide uma estratégia em função do tempo lógico do caso – a tática se casando com a singularidade do caso. Espera-se que nenhum adolescente seja deixado de lado: tendo em vista o número de adolescentes acolhidos, sendo cada caso abordado uma vez por trimestre.

- Reuniões mensais: cada primeira terça-feira do mês acontece uma reunião clínica com outras unidades hospitalares, permitindo descompletar cada estrutura do Hospital. Discute-se um caso a partir da exposição de um técnico. Um debate se faz com os outros técnicos da unidade, mas também com outros colegas de outras unidades. Este trabalho em comum é uma aposta em favor da transmissão e do debate contra um “*autismo de vários*”. Esta reunião mensal é uma maneira de enodar as diferentes unidades do Hospital: unidades orientadas pela preocupação de cernir o mais singular do caso, independente de sua estrutura e a idade dos pacientes.

- Reuniões anuais: são reuniões de jornadas de encontros nacionais e internacionais orientadas pelo Campo Freudiano, Jornadas da Escola da Causa Freudiana, da Associação Mundial de Psicanálise ou, ainda, Encontros de Jornadas de Estudos suscitadas e organizadas pelo próprio serviço, que permitem o debate mais aberto sem ceder ao rigor do que é exposto. Estas reuniões objetivam fazer valer o que pode ser feito na “*prática feita por muitos*”, para além dos protocolos, das estatísticas e das ações preventivas.

Deste modo, este texto busca evidenciar o lugar primordial das reuniões clínicas realizadas no Hospital de Aubervilliers, onde se nota uma aposta de transmissão a partir da construção do caso clínico feito por muitos. Destaca-se, em particular, a importância das reuniões diárias, galgadas na discussão dos eventos ocorridos com cada adolescente durante a sua permanência ao longo de todo aquele dia. Procura-se, assim, estabelecer direções para os casos ali atendidos, por meio de invenções próprias que cada adolescente traz frente às angústias por eles vivenciadas, a partir das contingências surgidas no seu dia-a-dia.

Já as reuniões semanais e mensais permitem as validações dos casos de modo ampliado, a partir de propostas delineadas por eixos de trabalho individualizados a serem executados por toda a equipe.

Visando ilustrar esta proposta de intervenção desenvolvida no Hospital-dia da cidade de Aubervilliers será abordado, a seguir, uma vinheta de construção clínica pelo viés da “*prática feita por muitos*”, tendo a contingência funcionado como algo propiciador de um novo laço social.

Durante a realização de uma reunião diária, fora discutido um acontecimento súbito observado pela equipe no *atelier* de modelagem: a posse, por parte de uma adolescente, de um caderno semelhante ao de sua analista, sendo tal objeto utilizado por ela como uma espécie de diário, se propondo a registrar ali, de modo compulsivo, sua rotina ao longo de toda aquela tarde.

Esse ato da escrita despertou na jovem algo de novo, cunhado por uma necessidade de se registrar sua rotina. Ela se mostrou muito investida neste trabalho, marcado por uma escrita sem limites ou bordas, sendo difícil de dissuadí-la de tal tarefa para participar das atividades propostas no *atelier*.

A equipe “*acusou recebimento*” deste novo objeto – o caderno – propiciando a discussão deste caso na reunião clínica. Decidiu-se pelo acompanhamento da adolescente neste trabalho de escrita, com a proposta de “*historici-*

zar” suas experiências e tentar limitar seus textos, cuidando para que esse não fosse um trabalho exaustivo e interminável.

No início a escrita era marcada por uma forma de apresentação caótica, que ultrapassava as margens do caderno e com um imperativo de se passar a limpo todos os erros ora cometidos pela jovem. Aos poucos, com o acompanhamento de um estagiário, ela passou a ordenar melhor o seu texto, demonstrando preocupação com a forma da escrita e com o bem escrever.

Nota-se que essa invenção possibilitou um apaziguamento na sua angústia, permitindo a ela localizar-se simbolicamente no tempo e espaço. Também possibilitou um certo “véu” imaginário ao significante foracluído - era um *cahier* (caderno) que comportava um segredo, sendo compartilhado apenas com algumas pessoas, possibilitando a sua inscrição na forma de um enlaçamento social com um Outro menos invasivo.

Se anteriormente ela apresentava o comportamento bizarro de olhar para todos da equipe de cabeça para baixo, indicando uma perturbação do objeto olhar - ela olhava e era olhada pelo outro estranhamente - agora ela pôde fazer uma amarração dos registros RSI pela escrita do seu *cahier*, colocando um véu ao mar aberto do gozo do Outro.

O trabalho desenvolvido na Unidade-dia para adolescentes de Aubervilliers reforça a aposta sobre o sujeito, mesmo ante ao menor índice de inscrição em um laço social. Como nos ensina Stavy (2003, p.1) trata-se de um ato de fé: “Fazer reconhecimento de um pequeno nada produzido pelo sujeito já é contar, por antecipação, com um sintoma que seja equivalente a um laço social”.

Referências Bibliográficas:

- DI CIACCA, A. (1999). “Il y a vingt cinq ans”, Revue Préliminaires, n.11, p.5.
- STAVY, Yves-Claude. (2001). **Projet Clinique de l'unité “petite enfance” de l'hôpital de jour d'Aubervilliers**. (Documento interno).
- STAVY, Yves-Claude (2003). **Projet Clinique Unité “adolescents”**. (Documento interno).
- STEVENS, A. (1998). “Ouverture des Troisièmes Journées du RB”, Revue Préliminaires, n. 9, p. 11.

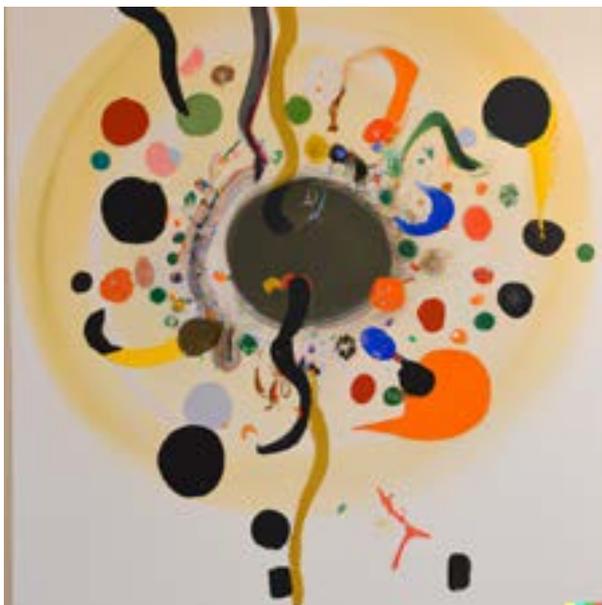
DISCIPLINA DO COMENTÁRIO

O QUE SIGNIFICA ADOTAR UM CORPO PENSANDO ISSO A PARTIR DO AUTISMO.

Graziela Pires

Associada ao Instituto de Psicanálise da Bahia

Ecos da apresentação do dia 03 de agosto de 2022 feita pela Cristina Maia¹, coordenadora do Núcleo, uni-duni-tê em Campina Grande. Foram apresentadas suas costuras entre os textos “Bordas do corpo”² de Ana Simonetti e o “O sujeito autista, seus objetos e seu corpo”³ de Laurent.



Na apresentação foi feito um percurso para construir o conceito de borda e sua relação com o objeto, as ilhas de competência e o que a partir daí a psicanálise aposta como via de acesso e laço para uma estrutura autista, já que a importância de uma borda na constituição de um corpo, é fundamental para a relação com o outro.

Como, a partir de uma estrutura autista, seria possível constituir uma borda? Cristina em seu percurso nos aponta essa resposta.

1 Maria Cristina Maia Fernandes, psicanalista, membro da AMP/EBP – Seção NE. Mestra em Psicologia Clínica pela UNICAP, Doutoranda na mesma Instituição.

2 https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/wp-content/uploads/2022/08/ana_simonetti_bordas_do_corpo.pdf

3 https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/wp-content/uploads/2022/08/eric_Laurent_os_sujeitos_autistas_seus_objetos_e_seu_corpo.pdf

Vimos na apresentação que o autista não tem o envoltório corporal, por isso ele se utiliza de uma carapaça. Como a borda não se efetiva, essa carapaça, seria um anel barreira, (Laurent) ficando aí, cerrado e funciona como uma proteção ao sujeito, que lhe permite defender-se das manifestações do outro.

Foi feita a questão: como para esse sujeito sem borda, instituir um limite que faça função de borda? Laurent vai dizer que os objetos (que podem se acoplar ao corpo) podem servir para a construção de uma borda.

O analista entraria aí no corpo a corpo, dando sustentação ao que Cristina chamou de jogos de inclusão e extração, considerando que, é na medida que o objeto se afasta do corpo que se pode introduzir a troca no laço social. Nos lembrou ainda que a borda em Lacan⁴, esta como a superfície que a pulsão atravessa. O sujeito joga o laço na tentativa de satisfazer da pulsão, alcançando o objeto, mas ele lança para não içar nada, porque não vai encontrar o objeto. O que se apresenta aí é um vazio ocupável, por qualquer objeto. É esse objeto que Lacan chama de *objeto a*.

Então, equivalente a carapaça de defesa do autista, a borda constituiria exatamente essa “neobarreira” que lhe dá condições de se defender das manifestações do Outro. Laurent percebeu que, diferente da psicose, o retorno do gozo no autismo se dá nessa borda, nessa zona fronteira, possível de ser transposta. Assim o próprio corpo do autista é uma “neoborda”.

Pudemos constatar a importância do objeto exatamente para a exploração da clínica psicanalítica no que tange ao autismo. Vimos que, a aparelhagem do corpo do sujeito com a máquina vivifica.

Sabemos que os autistas se apresentam mais íntimos dos objetos do que das pessoas e sabemos que a inclusão, de alguns objetos, pode ter a função de inserção no laço social. Esses objetos não são eleitos a toa e são de um auxílio fundamental na sua defesa e na criação de laço social.

Cristina nos trouxe que os objetos podem ser simples ou complexos. Os objetos simples estariam a serviço de uma sensação autoproduzida, engendrada pelo próprio corpo do autista, causando satisfação. Seja qual for sua forma, é inegável que essa preferência possibilita um tratamento à imagem do corpo, fazendo barreira ao mundo externo, o que defende o autista da

4 LACAN, JACQUES, 1901-1981: Seminário Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Pg. 174-178.

angústia. Ao mesmo tempo, vivifica este corpo mortificado concedendo ao autista um certo dinamismo, pois se oferece como borda para um retorno do gozo.

Segundo Maleval⁵, caso participe de uma ilha de competência, esse objeto simples se tornará o objeto complexo cujas ramificações podem muitas vezes se estender ao campo social chegando até a desembocar numa profissão que dê autonomia ao autista. Há de alguma forma um saber do autista sobre os benefícios que o objeto pode proporcionar.

Cristina nos trouxe também a imagem do duplo e o objeto autístico, que consistem em ingredientes que compõem a borda e concorrem para a estabilização e calma do autista.

Vimos com Cristina que o autismo não é uma patologia, mas, segundo os Lefort⁶ uma quarta estrutura, ou segundo outros autores uma maneira própria de estar no mundo.

Ao escutar a transmissão, fica para mim, a seguinte questão: a psicanálise segue um caminho contrário às psicologias, pedagogias e áreas de saber que tentam ensinar ou consertar algo no autista. Ser dócil ao duplo, aos objetos é se permitir ensinar por eles, os autistas, qual o caminho possível a seguir.

5 MALEVAL, Jean-Claude: O autista e a sua voz, 2017 – pg. 201.

6 LEFORT, Rosine e Robert: A distinção do autismo, 2017 – pg.11.

RESENHAS

(HÁ)POSTA

Wilker França
Associado do IPB

O livro “Aposta do Passe” (2018) organizado pela Ana Lydia Santiago carrega em seu título um verbo que já nos dá pistas sobre o passe em uma Escola regida pelo ensino lacaniano. No dicionário Priberam (2022) apostar significa “Fazer aposta de; asseverar; sustentar” e como verbo pronominal indica “empenhar-se”.



Lacan (2003) propõe um dispositivo inédito, chamado passe, que demarca a passagem de analisante a analista. Sua famosa frase “o psicanalista não se autoriza senão de si mesmo” pode ser lida dentro de um percurso feito por pares. O passe, portanto, é um dispositivo de controle, que põe à prova o ponto de finitude do percurso de uma análise, mas não como uma vigilância e sim como uma aposta que reconduz o que sobrou da transferência à transmissão na Escola.

O livro é composto por 11 textos do Jacques-Alain Miller, além dos 15 testemunhos de passe de Analistas da Escola membros da Escola Brasileira de Psicanálise. São eles: Bernardino Horne, Celso Rennó Lima, Lêda Guimarães, Elisa Alvarenga, Ana Lucia Lutterbach Holck, Sergio de Campos, Angelina Harari, Ana Lydia Santiago, Rômulo Ferreira da Silva, Marcus André Vieira, Ram Mandil, Jésus Santiago, Luiz Fernando Carrijo, Maria Josefina Fuentes e Sérgio Laia. Cada um, com seu estilo, testemunha seu percurso trazendo o vivo de sua experiência.

Os textos de JAM escolhidos vão nos dando pistas do lugar, da conceitualização, dos impasses e da importância desse dispositivo ao longo dos anos.

“A favor do passe ou dialética do desejo e fixidez da fantasia” é uma conferência proferida em Caracas em 1980 e indica como o passe era pensado na época, como o atravessamento da fantasia. De certo modo, também, já apontava um mais além. Miller (2018) fala da relação do sujeito com o objeto e a relação disso na fantasia e no desejo.

O objeto não é o que obstaculiza o advento da relação sexual, como um erro de perspectiva pode levar a crer. Ele é, ao contrário, o que obtura a relação não existente e lhe confere a consistência da fantasia. O fim de análise, desde então, no que respeita à pressuposição do advento de uma ausência, resulta na travessia na fantasia e na separação do objeto (p. 16.)

O texto “O avesso do passe” foi proferido em 2007 e é importante para esclarecer a diferença entre o inconsciente transferencial e o inconsciente real. A saída do inconsciente transferencial aponta para o momento oportuno ao passe, ou seja, um dispositivo que se orienta do inconsciente transferencial ao inconsciente real. Assim ele sinaliza:

“(…) a função do *esp de um laps*, função em que o lapso, formação do inconsciente, já não tem qualquer possibilidade de sentido ou interpretação. Pode-se falar então de saída do inconsciente transferencial” (p.74).

O autor indica que Freud já demarcava que toda análise tem um fim, contudo, o final de análise remetia ao sujeito seguir se analisando, prescindindo do analista, em sua solidão. Já Lacan propôs uma outra via, “que consiste em estabelecer uma relação entre o inconsciente real e a causa analítica” (MILLER, 2018. p. 76). E sinaliza que o passe bis vai do inconsciente real ao inconsciente transferencial. “Trata-se de uma nova transferência” (MILLER, 2018. p.76). O passe bis, portanto, seria uma operação de historização, uma história histerizada. Miller (2018) designa:

O testemunho que se espera do passe bis é o modo como alguém soube lidar, em sua análise, com a miragem da verdade, como se entregou a ela, se deixou enganar por ela e como, em seguida, se safou dela, como - assim o esperamos - se redimiou a ela (p. 77).

Dessa forma, o autor orienta sobre a operação que ocorre com os testemunhos e a importância do passe na relação com a causa analítica.

Já o texto “É passe?” se refere a transcrição de uma intervenção realizada na Jornada da Causa Freudiana em 2011 em que Miller (2018) elabora o passe como uma performance e não como uma competência, por isso mesmo, o analista não julga o passe na prática. No subtítulo “Para além de alcançar o estrelato” o autor sinaliza alguns impasses próprios do dispositivo na Escola e o diferencia de um instrumento de vigilância, fazendo ecoar mais ainda seu valor de aposta. “O que funciona como único aparelho de controle potencial é o passe, não como um direito à vigilância, e sim como a garantia de que, em todo caso, há um além da análise de cada um” (p. 123). Contudo, mesmo com os (im)passes, o autor marca que apesar da nossa própria desorientação é necessário que ele continue em um lugar de extrema importância, como foi dado por Lacan. Assim o dispositivo segue fazendo da Escola criada por Lacan uma caixa de ecos.

Um dos maiores ensinamentos que tiro dessa experiência de leitura é a possibilidade de pensar o passe não como um lugar a se chegar, pois assim correria o risco de uma idealização, mas como uma aposta em um percurso. Percurso que passa pelo atravessamento da fantasia, a separação do objeto e uma invenção com os restos sintomáticos, mas diria que se trata, principalmente, sobre o que há de singular daquela experiência. E é assim que a psicanálise pode avançar enquanto uma teoria viva que advém da clínica.

Referências

DICIONÁRIO PRIBERAM. <https://dicionario.priberam.org/>. Acessado em: 01/12/2022.

LACAN, J. (2003). **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola**. In J. Lacan. *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MILLER, J-A. [et al]. **Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

lapsus
m. Ää ä A-Äs e=Cc ë
^ë ç Aa ~Çç ë=Cç=f m



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



Av. Anita Garibaldi, 1211. 2º andar. Ed. Central Pinheiro. Salvador. Bahia

Tel.: (71) 3235-9020

www.institutopiscanalisebahia.com.br/lapsus